O CAMPEÃO DAS PROVIN

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 8 DE MARÇO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por c commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contra

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

AVEIRO

A questão da fazenda

Diz-se que o sr. Fuschini tem em mente o plano de largas reformas fazendarias, em que reduzirá a divida publica, formando um só titulo dos emittidos pelo estado, e amortisando o capital levantado no estrangeiro. Não se sabe por ora quaes os processos que tenciona adoptar o illustre ministro, mas, pela nossa parte, folgaremos de applaudir os seus trabalhos, se elles, como se diz, trouxerem vantagens para a administração da fazenda publica.

Tenciona tambem s. ex.ª reduzir o imposto do consumo, o que é sem duvida um beneficio de grande alcance para todas as classes, bem como o do pescado, que é vexatorio e iniquo, e que tanto e tão despiedadamente cerceia os magros lucros de uma classe completamente desvalida.

Essa laboriosa mas honrada classe é a mais pobre da nossa população, quasi que vive miseravelmente, senão de todo n'uma verdadeira miseria.

Pois apesar de arriscar mil vezes a vida propria e a felicidade dos filhinhos, leva-lhes o fisco uma percentagem relativamente crescida dos productos, havidos tantas vezes á custa de lagrimas e do esforço de laboriosas canceiras! E quando o desgraçado não pode pagar o imposto, instauram-se-lhe processos penhorando-se-lhe as redes, os barcos, todos os utensilios da pesca, emquanto os poderosos devedores de impostos directos zombam dos agentes officiaes, ou os ameaçam, para se recusarem ao pagamento das suas respectivas contribuições.

Emquanto vigorar este systema de administração, mal continuará a correr tudo, creiam.

Pretendeu o sr. Dias Ferreira fazer acreditar os nescios de que não havia nada mais para reformar, para afinal lançar mão das subsistencias publicas, e tributal-as ainda mais. Deixou, pois, alastrar a onda e fez incidir o imposto sobre o bolso do povo. Foi o que fez.

Se o sr. Fuschini se propõe, como cremos, fazer administração, desça até cá abaixo, procure orientar-se por aqui e por outros pontos onde se alastra a miseria, por differentes camadas sociaes, affirmando assim que sabe inspirar-se nas legitimas conveniencias do paiz e do povo portuguez. Seremos dos primeiros a louval-o.

Commissões districtaes

Conforme a verdadeira doutrina, aqui expendida por nós em n.os successivos, e conforme tambem a opinião de todos os tribunaes portuguezes, com excepção do de Aveiro, um decreto que é ao mesmo tempo uma severa punição e uma lição brilhante para o sr. Dias Ferreira e seus cumplices, ordena que a eleição para vogaes effectivos, substitutos e supplentes das commissões districtaes seja feita «por escrutinio secreto» em sessão publica dos delegados municipaes.

Eis como uma louvavel providencia governativa desfaz d'um prompto a nota grutesca do facciosismo intolerante do sr. Dias Ferreira, e annulla o disparate requintado e a servil decisão judicial que o secretario do governo civil d'Aveiro lavrou, inspirado n'aquella jurisprudencia barata com que costuma sujar e deprimir a acção correcta *da justiça*.

Louvamos a resolução necessaria que tomou o sr. ministro do reino com a publicação d'este decreto, porque elle é conforme a justiça e garante a verdadeira manifestação do voto.

Segundo as disposições d'este decreto, as listas de votação, que será feita pela ordem alphabetica dos concelhos, devem conter em separado, e com a competente designação, os nomes dos cidadãos votados para vogaes effectivos, para substitutos e para supplentes, podendo validamente conter nomes de mais ou de menos, como com toda a razão pretendia na eleição d'este districto o digno delegado por Arouca, e outros, não sendo, porém, contados os nomes a mais.

Regula tambem esse decreto a interposição e o processo das reclamações contra as operações eleitoraes, legitimidade dos eleitos, e escolha dos delegados municipaes.

Se o sr. Dias Ferreira quizesse ou soubesse ser leal, correcto e digno, teria providenciado por esta forma quando decretou o modo de proceder a estas eleições. Mas como á sua pouca seriedade e á sua falta de escrupulos eram necessarias a confusão e a desordem, porque sabia que a urna lhe era adversa pela legalidade em toda a parte, nada regulou, antes confundiu.

Assim, obrigou os seus sequazes d'aqui ao tristissimo papel que fizeram na memoravel comedia que ahi representaram por occasião d'essa eleição, deixando convencer mais uma vez o poder judicial d'esta comarca de que a «linha recta é o caminho mais curto e mais direito entre dois pontos».

Oxalá que assim o tenham comprehendido aquelles a quem cumpre estudar n'esta lição e n'este exemplo. São por isso os nossos votos, no mais ardente desejo, que temos, de lhes não sermos desagradaveis.

Dança da politica mansa

Sob este titulo original, escreve n'um dos seus ultimos n.os o nosso prezado collega lisbonense o *Correio da Tarde*, o seguinte artigo, que damos a titulo de curiosidade:

Quando o centro eleitoral regenerador de Lisboa apresentou officialmente a candidatura do sr. Carlos Bocage pelo circulo plurinominal d'Aveiro, na ultima eleição de deputados, não houve nem um só dos chamados regeneradores d'aquelle circulo que quizesse obedecer a essa indicação, e revoltando-se todos contra ella na imprensa, e na urna, foi afinal o partido progressista que, desdobrando a sua votação, reelegeu o sr. Bocage, o que deu até em resultado a exclusão do sr. Dias Ferreira.

A esse tempo, não havia regeneradores em Aveiro; tinham-se convertido todos em governamentaes. E á frente d'esse movimento de reviravoltas se collocou o sr. Jayme Lima, cunhado do governador civil de então. Pois agora é este mesmo sr. Jayme que, mal soube da queda do governo Dias Ferreira, se apresenta em Lisboa, e, de braço dado com o sr. Bocage, cuja eleição furiosamente combateu, vae offerecer os seus serviços politicos ao novo ministro do reino!

N'essa conferencia o dito Jayme, inculcando-se o chefe dos regeneradores aveirenses, começa por pedir varias mudanças do pessoal administrativo, e varias violencias, entre as quaes avulta a transferencia do digno escrivão de fazenda de Estarreja. Constanos, porém, que o sr. João Franco lhe atalhára logo que nem podia reconhecer como seus correligionarios os que ainda ha tão pouco tempo haviam resistido teimosamente a todas as indicações e instrucções da commissão executiva do partido regenerador, nem estava disposto a fazer politica partidaria, e ainda menos politica odiosa de vinganças e perseguições, em parte alguma, e principalmente em Aveiro.

Ora toma, espertalhão! Mas vejam a desfaçatez com que esta gente muda de cara, de partido, de ideias e de palavras mais vezes do que de camisa! O que mais, todavia, nos admira em tudo isto é como o sr. Bocage, que devia conhecer bem aquelles figurões, e lembrar-se ainda melhor, pois foi há poucos dias ainda, de que foram os progressistas, e só elles, que o elegeram, contra a vontade e a guerra dos mesmos que se dizem agora regeneradores, se prestou a desempenhar o papel que lhe distribuiram n'esta comedia revoltante, senão fosse ridicula! O certo é que tomou a serio esse papel, ficou sinceramente persuadido de que ia assumir a direcção da politica regeneradora do *seu* circulo, e até projecta ir a Aveiro agradecer agora aos seus eleitores, e offerecer-lhe os seus serviços. Mas porque não foi ha quinze dias, e porque se não hospedou já então em casa do sr. Jayme Lima?

Veria as enthusiasticas manifestações de sympathia com que era acolhido pelos que votaram contra elle, protestaram contra a sua eleição, requereram a remessa do seu diploma para o tribunal de verificação de poderes, e o descompozeram nos jornaes.

Só nos falta saber o que dirá a tudo isto o sr. dr. Antonio Emilio, logar-tenente do sr. Dias Ferreira em *Aveiro, e seu deputado pela Feira*. Seria apeado da sua chefatura local? seria ouvido sobre aquella trampolinice dos seus correligionarios aveirenses? O tempo o dirá, e brevemente.

A *Soberania*, commentando o procedimento dos mesmos figurões, que foram apresentar-se em Lisboa como regeneradores, dizendo-se constituintes, escreve o seguinte:

«Ainda agora lemos n'um jornal de Lisboa que os antigos amigos do sr. José Dias, d'Aveiro, foram offerecer os seus serviços ao governo pela continuação da politica brava no districto. Nós em presença d'isto rimo-nos muito, muito, muito. A continuação da vida antiga: Deus é bom mas o diabo tambem não é mau. E' questão de elle ter probabilidades de ainda um dia vir a sentar-se na cadeira do Padre Eterno. Aqui a cadeira do Padre Eterno é o governo civil. Manda José Dias, os regeneradores fazem-se immediatamente constuintes; manda Antonio de Serpa, os constituintes sem perda de tempo fazem se regeneradores.

Em Agueda acontece outro tanto. Só os progressistas é que ficam no seu posto: sempre progressistas, quer as auras do poder lhes soprem propicias, quer se tranformem em cyclones.»

São capazes de tudo e fazem tudo com tanto que os deixem governar e fazer figura. Pobres d'espirito, não vêem que a opinião se ri d'elles, classificando-os de idiotas!

O monopolio dos annuncios

Continuamos a insistir pela revogação do odioso decreto que estabeleceu o condemnavel principio do monopolio das publicações; e, luctando pela causa dos nossos irmãos d'armas, iremos até onde for necessario ir para que a monstruosidade não prosiga.

Diz-se que o sr. ministro do reino está nas melhores disposições para fazel-o. Pois faça-o, que alcançará o applauso de toda a imprensa honrada e limpa, embora custe e peze á parte barata e facil que envergonha a instituição.

Governador civil

Diz-se, não sabemos com que fundamento, que o sr. visconde de Balsemão vae ser transferido para outro districto, sendo em breve substituido.

O sr. visconde de Balsemão, porque é um cavalheiro sério e por todos os titulos respeitavel, tem feito aqui um logar dignissimo, mantendo na linha recta d'uma conducta superior a sua escrupulosa e rigorosa administração.

E' por isso muito para sentir que s. ex.ª deixe Aveiro, onde, no logar que occupa, é um penhor seguro para todos, sendo além d'isso um caracter nobre e generoso, que é garantia bastante para governos e governados.

S. ex.ª honra, onde estiver, o governo que representa, sendo aqui geralmente respeitado. Não acreditamos por isso na sua transferencia. Mas se ella se effectuar, creia o sr. ministro do reino que Aveiro o sentirá.

Eleição de Gaya

Venceu alli, como era de esperar, o candidato progressista e nosso illustre amigo, sr. dr. Leopoldo Mourão. Felicitamol-o com intimo jubilo.

Do resultado, já esperado, d'esta eleição, diziam-nos ante-hontem as seguintes communicações:

Gaya, 6, ás 4 e 5 t.—Dr. Leopoldo Mourão, candidato progressista, venceu na assembleia de Grijó por 40 votos de maioria. Tem, pois, em todo o circulo maioria superior a 130 votos, em que nada influem as listas que por ventura appareçam a mais das descargas pela fraude dos wenceslanistas. Grande enthusiasmo em todo o concelho.

Gaya, 6.—As listas destinadas a inutilisar a eleição foram arremessadas de longe, pelo padre Antonio Augusto Correia de Souza, de Seixezello, e não alcançaram a urna, que foi immediatamente fechada pelo presidente. O auctor da façanha foi salvo, a grande custo, das justificadas iras do povo, que queria logo alli fazer justiça por suas mãos. Parece que a authoridade administrativa ia connivente com o ignobil attentado.

Tudo pode ser, porque tudo ha a esperar de quem só tem por norma proceder mal.

O sr. Leopoldo Mourão tem agora sobre o candidato regenerador a maioria de 124 votos.

Os amnistiados

Effectuou-se ante-hontem no Porto a reunião do conselho de guerra da 3.ª divisão militar, para tratar da applicação do decreto de amnistia aos implicados na revolta de 31 de janeiro. Os amnistiados são 82, sendo 7 paisanos e 75 militares. As sentenças, depois de assignadas pelos membros do conselho de guerra, foram remettidas para o quartel general, sendo logo enviadas para o ministerio da guerra.

O illustre ministro dos negocios estrangeiros, sr. conselheiro Hintze Ribeiro, por via do sr. conde de S. Miguel, nosso ministro em Madrid, mandou abonar aos revoltosos do Porto, que foram amnistiados e que se acham n'aquella cidade, os meios necessarios para se poderem repatriar, visto que alguns d'elles, segundo informação do nosso representante, se acham na mais absoluta indigencia.

Era um dever, mas estava elle no caracter generoso e nobre do illustre presidente do conselho.

AS REMISSÕES

Acaba de ser resolvido pelo ministerio do reino, e communicado em circular a todos os governadores civis, que, depois da publicação do decreto de 31 de dezembro ultimo, as remissões do serviço militar só podem fazer-se pelos preços estabelecidos nos §§ 2.º, 3.º e 4.º do art. 1.º d'esse decreto, devendo os mancebos que se houverem remido por preço inferior, ser compellidos a entrar nos cofres publicos com a differença.

Ora isto não é precisamente o que é necessario. O que é indispensavel resolver, é se aos recrutas já alistados é applicavel a remissão authorisada pelo § 3.º, ou só a estabelecida no § 2.º d'aquelle artigo.

Esta duvida tem de ser resolvida pelo ministerio da guerra, pois que a execução do decreto, n'esta parte, pertence ás authoridades militares. A differença entre as duas remissões é de 70$000 réis. O que se torna necessario e urgente é esta resolução.

As eleições em Hespanha

Não são de pequena gravidade, infelizmente, as noticias que nos chegam de Hespanha ácerca do resultado das eleições geraes. O partido conservador soffreu uma derrota sem precedentes na historia politica do paiz visinho e na nova camara vão predominar o partido liberal dynastico, que terá uma maioria grandiosa, e os partidos avançados, que teem uma representação que se póde avaliar já em mais de quarenta deputados. Em Madrid a votação republicana foi grande, pois ficaram eleitos seis deputados seus, com médias de 25:000 votos e dois liberaes-dynasticos com médias de 23:000 votos. Em Zaragoza, Valencia Valladolid e Barcelona os republicanos venceram as maiorias. Este partido disputou 35 circulos. A politica conservadora está vencida em toda a Hespanha, e embora se allegue que o governo praticou violencias para affastar da urna os candidatos conservadores, o que é certo e definitivo é que no paiz visinho os partidos liberal e avançado obtiveram uma enorme maioria.

O governo liberal obteve em todo o paiz uma estrondosa victoria, sendo eleitos 298 deputados. O partido republicano, dividido em diversas fracções, tem 50 deputados, e o partido conservador, sahindo ha pouco do poder, foi derrotado em toda a linha apurando apenas uns 60 deputados.

CARTA DE LISBOA

7 DE MARÇO DE 1893.

A não ser a questão da eleição de Thomar, resolvida aqui hontem, não ha nada importante. Esta resolução tem importancia pelas pessoas que n'ella figuram. O tribunal houve-se com inteireza, porque a falsificação das listas em favor do sr. Amado, era clara. Quem conseguiu maior numero de votos foi effectivamente o adversario d'aquelle cavalheiro. A opinião de que é a camarr electiva quem tem de resolver sob a questão de nacionalidade, posta pelo tribunal, é muito duvidosa e tanto que um dos mais distinctos jurisconsultos de Lisboa, com voz no parlamento, diz do caso, no *Correio da Tarde* de hoje o seguinte. Fallando da elegibilidade do sr. conde de Burnay diz:

. . . . . .

Parece pois que este duvida ainda terá de vir a ser resolvida pela camara dos deputados. Mas n'esta parte é que discordamos abertamente da opinião dos doutos juizes que fizeram vencimento. Como questão prejudicial que é, não pode razoalvelmente ficar para ser decidida depois do julgamento da questão principal. A lei de 21 de maio de 1884 transferiu em certos casos, e aqui deram-se, todas as attribuições que d'antes exclusivamente pertenciam á camara dos deputados ou á sua junta preparatoria ácerca da verificação dos poderes dos seus membros, e portanto da sua legitimidade tambem. E o art. 11.º d'essa lei, corroborado pelo § 4.º do art. 13.º, manda ao tribunal que julgue todo o processo, e não sómente a materia dos protestos apresentados.

Nem se comprehende que o tribunal mande proclamar deputado da nação portugueza o sr. conde de Burnay sem primeiro se haver julgado se elle é ou não cidadão portuguez. Assim, temos tambem de deixar esse debate para occasião opportuna.

— Ha hoje conselho de ministros, que terá importancia, segundo se diz, pois que é n'elle que o sr. Hintze apresentará a sumula da resposta que o governo dá ás reclamações apresentadas pelos credores estrangeiros no tempo do anterior gabinete.

— A questão dos annuncios officiaes está emfim resolvida. Não haverá jornaes privativos para isso. N'esta parte a opinião dos que justamente se queixavam foi attendida. Perderam o seu tempo os que requereram, fizeram depositos, etc. O governo resolveu annullar o decreto, e mandou suspender desde já todos os trabalhos que havia n'esse sentido.

— A eleição da Pesqueira não se verificará em todo o circulo, mas apenas na assembleia primaria de S. João. O primeiro jornal que levantou a questão foi o *Correio da Tarde*, que, tratando do assumpto no seu n.º de hoje, diz:

ELEIÇÃO DA PESQUEIRA

Foi attendida, nem podia deixar de o ser, a nossa reclamação contra o decreto que mandava repetir a eleição d'um deputado ás côrtes, em todo o circulo eleitoral da Pesqueira, contra a expressa determinação do tribunal de verificação de poderes. No *Diario* d'hoje vem outro decreto, a titulo de rectificação do primeiro, mas que é inteiramente diverso d'esse, e pelo qual se marca o dia 26 do corrente para repetição das operações eleitoraes sómente na assembleia primaria da villa da Pesqueira, do circulo n.º 56.

Está bem—diz o collega e digo-o eu tambem, porque o contrario d'isto era uma notavel injustiça. Esta eleição deve dar mais um deputado ao partido progressista, que assim vae augmentando na camara o numero dos seus granadeiros.

— O sr. Dias Ferreira foi eleito deputado por Aldeia Gallega, obtendo, sem opposição, 3:005 votos.

O sr. Augusto Fuschini foi eleito por Penacova, tambem sem opposição.

— Foi aqui recebida com prazer a noticia do vencimento da eleição de Gaya. Assim é o nosso amigo Leopoldo Mourão quem vem representar na camara electiva aquelle circulo. E que o fará dignamente, é fóra de duvida.

— Alguns dos emigrados que regressam á patria por virtude do indulto ultimamente promulgado, estavam no estrangeiro nas mais deploraveis circumstancias. O governo providenciou para que lhe fossem fornecidos os meios de voltarem sem demora ao seio de suas familias.

— O sr. ministro da fazenda ouviu hoje no seu gabinete uma commissão de revendedores de loterias, que lhe deixou uma representação pedindo para que a companhia Alliança de loterias seja obrigada a cumprir o contracto que fez com o governo. Contam os revendedores que, não podendo a companhia dar cumprimento ao contracto, o monopolio cesse immediatamente. O sr. ministro da fazenda prometteu dar andamento a este negocio.

— O sr. conde de Burnay partiu hoje para Thomar, onde vae receber as felicitações dos que patrocinaram alli a sua eleição.

Verifica-se que na falsificação das actas que deram maioria de votos ao rival do sr. conde, *alguem* do ministerio cahido teve uma grande parte. A esse alguem alludiu claramente no tribunal o advogado do sr. conde de Burnay. Miserias que produzem crimes, pois que a falsificação não é outra coisa.

— O sr. conde da Redinha, chefe interino do partido legitimista, recebeu um telegramma da sr.ª D. Adelaide de Bragança, communicando-lhe que a filha d'esta senhora, D. Maria Anna, fôra pedida em casamento pelo granduque herdeiro do Luxemburgo. Tem-se collocado muito bem os filhos do sr. D. Miguel de Bragança.

— Com pequena concorrencia de compradores, realisou-se ante-hontem, no paço das Necessidades, o leilão dos magnificos quadros que faziam parte da herança de el-rei D. Fernando. Foram apenas vendidos 16 quadros, que produziram 619$500 réis.

— Por decreto publicado hontem no *Diario* foi fixado o dia 5 de abril para a eleição de um par do reino por cada um dos collegios districtaes de Lisboa, Porto e Leiria. A eleição dos competentes delegados effectivos e supplentes effectuar-se-ha no dia 26 do corrente.

— Pelo ministerio da fazenda foram mandados despedir os eecripturarios de fazenda interinos, que estavam servindo em alguns concelhos.

— O *Futuro*, jornal republicano, suspendeu hoje a sua publicação. Substitue-o a *Batalha*.

— O movimento da população enferma durante a semana finda no hospital de S. José e annexos, foi o seguinte:

S. José, S. Lazaro, Desterro e Estephania.—Existiam 1:551; entraram 321; sairam 275; falleceram 45; ficaram existindo 1:552. Existencia media diaria 1:577.

Rilhafolles.—Existiam 511; entraram 4; sairam 4; falleceram 3; ficaram existindo 508. Existencia media diaria 509.

Hospital de variolosos em Arroyos.—Existiam 3; entraram 2; sairam 0; não houve fallecimento; ficaram existindo 5. Existencia media diaria 4.

Existencia media diaria nos 6 hospitaes 2:090.

Durante a referida semana receberam curativo no banco do hospital de S. José, 269 pessoas e consultaram a junta 143.

— O *Diario* publica hoje o alvará concedendo definitivamente, por tempo illimitado, licença á empreza das aguas de Vidago para explorar as nascentes de aguas minero-medicinaes denominadas Vidago, Oura, Villa Verde e Sabroso, situadas as tres primeiras no concelho de Chaves, e a ultima no de Villa Pouca de Aguiar.

Publica tambem o alvará concedendo nas mesmas condições ao visconde de Semelhe licença para explorar as nascentes de aguas minero-medicinaes denominadas termas de Caldellas, sitas no concelho de Amares.

— O supremo tribunal de justiça concedeu revista ao processo instaurado a requerimento do conselheiro sr. Eduardo José Coelho, excluindo da amnistia ultimamente decretada o administrador de Bragança que prendeu aquelle ministro d'estado em 1891. Houve uniformidade de votos.

— O tratado do commercio com o Brazil foi addiado, por o governo d'aquelle paiz pretender estudar detidamente o *assumpto, não só em relação* a Portugal, como ás outras nações.

— Affirma-se que está formado um partido sob a direcção do sr. conde do Casal Ribeiro, achando-se já alistados n'esta agrupação 20 pares do reino.

— O sr. inspector geral dos correios declarou ao sr. ministro das obras publicas, que pela sua repartição não podiam effectuar-se mais reducções.

— O *Tempo*, jornal que apoiou a politica do sr. Dias Ferreira, está sem redactores porque hoje se despediram todos os que alli escreviam, ficando só o sr. Simões Dias.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—A sr.ª baroneza de S. João de Loureiro teve ha dias o seu bom successo, dando á luz uma gentil creança do sexo masculino. O neophito foi já baptisado na egreja matriz de Loureiro, sendo-lhe dado o nome de José Luciano.

Os nossos sinceros parabens ao pae do recemnascido, o nosso presadissimo amigo, sr. barão de S. João de Loureiro, e a sua ex.ma esposa.

— Progridem as melhoras do nosso respeitavel amigo, sr. dr. Albano de Mello. Ha já tres ou quatro dias que o illustre enfermo se levanta para uma cadeira de rodas em que percorre a casa toda e o jardim, e espera-se que esteja antes do fim do mez completamente soldada a fractura. São estes os desejos mais ardentes dos seus muitos e dedicados amigos.

— Fez hontem annos o nosso estimavel amigo e distincto escriptor e jornalista, sr. Henrique da Cunha, quem enviamos os nossos sinceros p rabens. O nosso amigo ha quatro a sos que se encontra bastante doent soffrendo d'uma anemia. Fazemos v tos por o seu restabelecimento.

— Deve chegar hoje a Aveiro nosso prezado amigo e collega, s José Eduardo d'Almeida Vilhena.

— Veio passar os dias de hoje de amanhã a Aveiro, para assistir *soirée* do *Gremio*, o nosso amigo aplicado alumno da Escola Medica Porto, sr. Francisco Regalla.

Veio tambem comsigo, hospeda do-se em casa do distincto medico, s dr. Luiz Regalla, o nosso amigo e i teligente alumno d'aquelle importan estabelecimento scientifico, sr. Henr que da Silva Amorim.

Conde de S. Bento.—Está melhor o illustre bemfeitor, que é motivo de prazer para todos que desejam a vida de tão prestim cidadão. As preces, pedindo a De por tão preciosa existencia, continu na egreja matriz da villa.

Soccorros aos naufr gos.—Sob a presidencia do sr. v conde de Balsemão, digno e illustra governador civil d'este districto, fic ha dias installada a commissão de s corros aos naufragos. Os memb d'essa commissão devem reunir ás nhã, a fim de nomearem o thesoure da mesma.

A mi-carême.—E' b que se deve effectuar nos salões *Gremio Aveirense* a *soirée costumé* parada para solemnisar estrond mente este dia—o da serração da ve

Vão todas as senhoras em for sos costumes carnavalescos, alguns quaes valiosos e lindissimos. Os c lheiros apresentar-se-hão de cas de côr, antigas e custosas na sua m parte. A ornamentação da casa, deslumbrante.

Por um lapso desculpavel, deixá de incluir na lista dos promotores ta brilhante festa, quando pela pri ra vez a annunciámos, o nome do Mello de Mattos, que foi o seu in dor, e que tomou n'ella uma gran importante parte, pelo que lhe ca os maiores louvores.

Transferencia.—O so presado amigo, sr. Evaristo de raes Sarmento, foi transferido a 2.ª circumscripção hydraulica, s collocado na Regoa.

A Fonte dos Am res.—Como dissémos, é no pro dia 15 que sobe á scena, no th circo Principe Real de Coimbra, Troupe Dramatica Academica, *Gama*, a operetta do nosso am collega da *Soberania do Povo*, sr. tonio de Mello, com musica do s Simões Barbas. Tomam parte n pectaculo as distinctas actrizes Ca Vellozo, Sophia d'Oliveira e Mar Luz, e algumas amadoras de Coim

O scenario é todo novo e exp mente pintado para *A Fonte dos res*. De Agueda vae alli assistir gente, amigos e apreciadores do talento de Antonio de Mello. Do ção desejamos a *Toy* uma noit glorias e de venturas.

Theatro.—Dizem-nos para a occasião da feira de março cionam vir a esta cidade duas *tr* d'academicos de Coimbra e Port alguns espectaculos.

Tempo.—Corre bem p agricultura. Não faltam pastos p gado, e todas as plantas do temp tão como melhores se não podem sejar. Os batataes estão bons, emquanto sem symptoma de mo *Emfim, e por emquanto, tudo ben* te ramo de trabalho.

Trovoada.—Na tar domingo ultimo, pelas 6 horas e começou a enegrecer-se subita o espaço, e pouco depois cahia nós uma formidavel trovoada, q deixou de causar estragos por a dos logares proximos. Foi de duração felizmente, mas medonh zendo ouvir uns monstruosos e dos, que pareciam fazer tremer as habitações. Pouco depois das ras, fez-se uma noite lindissima, azulada, transparente.

A variola.—Grassa com intensidade a epidemia da la, sendo já numerosos os casos timamente se tem dado. Foi uma enfermaria só para variolo hospital velho, annexo ao da Casa da Misericordia, onde se já alguns enfermos.

As andorinhas.— ram aqui na semana passad adoraveis mensageiras da prim

Gado suino.—Sobe ço esta especie. Andam pelas p pessoas que criam d'este gado prar por bons preços tudo o vende. Empregam-se n'este homens e mulheres, que negoc genero.

Mercado de ga Começa a affluir gado gordo a cados, e o que apparece vende bons preços, deixando content vrador porque a engorda lhe remuneração abundante. Em mezes de trato ha junta de b deixa ao tratador 50$000 réis nho. O gado recolhido por est é quasi todo graúdo, pouco ha menos de 42 e 44 libras, e h

ıma hora da tarde, deu-se no quar-
le caçadores n.° 6, n'esta cidade,
lamentavel acontecimento, que só
s tarde, pela pouca gravidade que
ecia ter, chegou ao conhecimento
srs. officiaes de serviço.

Eis o caso: Dois soldados, o n.° 6
onio Casaleiro, natural de Cavide,
ó, Manuel Cordeiro, natural do Ar-
al, da 3.ª companhia do 1.° bata-
o, brincavam na sua caserna, mas
ssa brincadeira resultou, o primei-
dar com uma espingarda na cabeça
segundo; não lhe fazendo, pelo me-
que se visse, ferimento algum, e
to que elles, depois do acontecimen-
accordaram entre si, nada dizerem,
isso que, o que deveria ser mais
ixoso, de nada se queixou.

E' certo porém que seriam umas
oras da tarde, o soldado começou
entir-se incommodado; e foi então
constou o que tinha havido entre
s. Foi o infeliz para o hospital ain-
pelo seu pé, mas continuando a
rar, conheceram os srs. facultati-
do regimento que da pancada pa-
a ter havido ferimento interior e
consequencia derramamento de
gue no cerebro. O certo é que o po-
soldado falleceu no dia immediato.
e desgraçado acontecimento que
adores n.° 6 não está costumado a
no seu quartel, (seja isto dito em
no dos bons creditos d'este regi-
nto), contristou a todos, desde o hu-
de soldado até ao digno comman-
te o sr. coronel Castro Guedes, per-
tindo este que ao infeliz soldado se
sse um luzido enterro, que foi acom-
hado, além dos officiaes da com-
hia, pelos officiaes inferiores do re-
ento e banda de musica.

Uma grande parte da sympathica
demia leiriense, para tornar este
mais solemne, tomou parte n'elle,
orporando-se no prestito e acom-
hando-o até ao cemiterio.

Honra lhe seja.

O soldado aggressor (um desgra-
o, pouco mais feliz de que o que
ceu), acha-se na casa de reclusão
regimento, e está levantando o com-
ente auto de corpo de delito o sr.
ente Ruy Alfredo dos Santos, ten-
como secretario o sr. aspirante
ncelino Pimentel.

Commercio de vinhos —
ontam-nos de Santo Thyrso que
avradores estão por alli animados
vêrem as suas adegas vazias, ten-
endido os seus vinhos por um pre-
bastante remunerador—entre réis
000 a 20$000 reis, conforme a
idade.

Na Palhaça, d'este concelho, está-
endendo actualmente a 1$200 e
00 réis cada almude.

O jubileu do Papa.—
e os ricos presentes que teem sido
ados a Leão XIII, por motivo do
jubileu episcopal, figura um do
cipe regente da Baviera, que con-
na reproducção da columna de
a Senhora, que se eleva na praç
mesmo nome em Munich. A repro-
ão tem 1m,50 de altura; as esta-
da Virgem e dos anjos são de ouro
isso e a corôa da Virgem é crave-
de bellissimos diamantes. Os vi-
das quatro lanternas da base são
ados de saphiras, rubís e esmeral-
de incomparavel belleza. N'esta
empregaram-se 400 diamantes e
as preciosas.

— O czar da Russia, Alexandre
enviou ao Papa, por occasião do
ubileu, o seguinte despacho:

«Sinto-me sinceramente feliz por
r offerecer a Vossa Santidade, por
sião do jubileu que hoje festeja, as
as mais cordeaes felicitações. Que
conserve á Igreja romana e aos
subditos do rito catholico, du-
longos annos ainda, os benefi-
de um pontificado que continuará
ado, estou d'isso persuadido, dos
mentos de concordia e paz christã.»

— A rainha regente de Hespanha
ou ao Papa, como presente do ju-
, uma valiosissima collecção de
es do seculo XV.

— A princeza Clotilde, viuva do
ipe Napoleão, enviou a Leão XIII,
ntermedio do arcebispo de Turim,
cruz de brilhantes, acompanhada
edido da benção de Sua Santidade
todos os italianos sem excepção
na. Respondeu o Papa que quan-
bençoava a Italia não fazia res-
es.

— A ex-imperatriz Eugenia e o
ipe Victor felicitaram tambem o
por motivo do seu jubileu.

— As ultimas noticias dão Sua
Santidade completamente restabelecido e em optimas disposições de espirito.

Longevidade Papal. A proposito do jubileu de sua santidade, é interessante recordar a edade de Leão XIII e a de alguns do seus predecessores. Sem irmos muitissimo longe, tem havido desde o regresso da Santa Sé de Avinhão para Roma, 16 papas que ultrapassaram os 80 annos. O menos idoso d'estes octogenarios foi Gregorio XVI, o qual falleceu em 1846, aos 80 annos, 8 mezes e 12 dias. Seguem depois Gregorio XII, Calixto II e Benito XIII, que attingiram os 81.

Os papas Alexandre VII e Pio VI, falleceram aos 82 annos feitos.

Quatro pontifices passaram além dos 83: Gregorio XIII, Innocencio X, Benito XIV e Pio VII.

Paulo III morreu aos 84; Clemente X, Clemente XII, e Pio, chegaram aos 85.

Os dois papas que desde 1378 alcançaram mais adeantada edade foram Clemente XII e Paulo IV. Este ultimo foi eleito pontifice aos 88 annos, e occupou o solio pontificio até aos 89.

Na série anterior a 1378 encontra-se um exemplo de longevidade mais surprehendente ainda Gregorio IX, o qual falleceu quasi centenario, em 1241.

O Sultão de Marrocos com Portugal.—Está desagradando extraordinariamente a conducta do sultão de Marrocos. Segundo o que lêmos n'um bem informado jornal francez, aquelle soberano negou-se a reconhecer a nomeação do sr. Rizzo, agente consular de Portugal no imperio marroquino e igualmente alli acreditado pelo governo dos Estados-Unidos. Além d'esta gravissima desconsideração, recusou-se tambem a fixar-lhe residencia em Fez, pretextando falsamente de que nunca sanccionára a nomeação de consules, a não ser nos portos maritimos do imperio. Entretanto, demonstram só por si os factos preteritos que aquella asserção não é exacta, o vice-consul da Inglaterra está no exercicio das respectivas funcções em Fez, ha mezes; e outro tanto succedeu ao agente consular da França, cargo que não lhe fôra contestado durante dez annos consecutivos.

Um official austriaco assassino.—Quando no outomno ultimo, Vienna esteve ameaçada da epidemia do colera, a attenção das auctoridades recahiu n'um costume singular que existe n'aquella cidade e que ellas entenderam dever extinguir. Esse costume consiste em apertar nas mãos o pão, para vêr se é fresco, e isto é vulgarissimo nas pessoas que frequentam os cafés, restaurantes e padarias. Ha até gente grosseira que, para escolher um pão que lhe pareça mais fresco, aperta por essa forma uma duzia e mais. Uma noite, na semana finda, entrou n'um restaurante do arrabalde um capitão do exercito e para escolher um pão, empregou o mesmo processo, mas mais correcto e augmentado: apertava-o junto da orelha e deitava no cesto os que não lhe agradavam. O padeiro assistiu á operação sem dizer palavra, mas depois, dirigindo-se ao official, ponderou-lhe que não achava dos mais distinctos aquelle processo. O capitão não respondeu e sahiu immediatamente do restaurante. Quando porém, o padeiro se retirou tambem, o official sahiu-lhe ao encontro e cravou-lhe uma faca no peito. Os dois homens luctaram durante alguns segundos, mas afinal o padeiro, soffrendo horrivelmente e perdendo muito sangue, cahiu pesadamente no passeio. O capitão, que não estava uniformisado, deu-lhe então muitos pontapés e tentou ferir todas as pessoas que se approximavam para prestar soccorro ao ferido. Como era um official, não foi preso, sendo apenas o facto participado ao coronel. No emtanto o estado do padeiro aggravou-se e os visinhos, que viam todos os dias passar na rua o capitão, tornaram-se exaltadissimos. O pobre padeiro falleceu ha dias e, quando a noticia se soube o capitão seria fatalmente lynchado pela multidão. Felizmente para elle já estava preso no quartel. A victima era um industrial que vivia desafogadamente e chefe de numerosa familia. O capitão é celibatario e teve sempre a fama d'um mata-mouros.

Um drama.—Victorino Duthuille, fabricante de vassouras, residente na aldeia franceza de Haynettes, suspeitava, com justificado motivo, que sua mulher tinha relações illicitas com um tal Penot, seu visinho e abastado proprietario. Isto passou-se ha dezoito mezes e, encontrando juntos os dois culpados, disparou sobre elles dois tiros de espingarda, mas não lhes acertou. Mais tarde a mulher confessou a sua falta e prometteu emendar-se. Cumpriu a palavra? Não se sabe ao certo. Na manhã de segunda-feira ultima, ella foi com uma filha, rapariga de quatorze annos, cortar ramos a uma floresta proxima. O marido viu-as partir e notou tambem que Penot se dirigia para o mesmo lado.

Para o que desse e viesse, pegou no rewolver e seguiu o proprietario, escondendo-se o melhor que podia Este ultimo encontrou as duas mulheres n'um atalho estreito. Depois de ter tentado abraçar a mãe que o repelliu, quiz abraçar a rapariga, apesar da resistencia que ella oppunha. Chegou a mostrar-se d'uma insolencia revoltante. Não podendo conter-se Duthuille appareceu então de subito e apontando o rewolver, tres vezes o disparou sobre Penot, que procurava fugir.

Duas das ballas acertaram-lhe na cara e a outra no peito. A ultima fel-o cahir fulminado; tinha-lhe varado o coração. Duthuille foi immediatamente dar-se á prisão, fazendo aos magistrados a narração fiel do que se tinha passado. E' um homem honesto e muito considerado e estimado na sua aldeia. E' provavel que, em vista das circumstancias excepcionaes que precederam o assassinato, seja brevemente restituido á liberdade.

Progresso.—Trata-se actualmente nos Estados-Unidos de substituir por locomotivas electricas as locomotivas ordinarias para a passagem dos grandes tuneis, nos quaes o fumo, tornado demasiado intenso, incommoda os passageiros. A companhia dos caminhos de ferro de Baltimore e Ohio acaba de resolver o estabelecimento d'um serviço electrico, nas proximidades d'um tunel, serviço que fornecerá a força excessiva a 3 locomotivas electricas de 80 toneladas. O esforço de tracção é de 15:000 kilos, com a velocidade de 24 kilometros por hora.

— Uma importante obra de engenheria, a elevação da celebre ponte do Tamisa, do caminho de ferro *Great Western* em Taplow, foi ha pouco concluida, e a linha do taboleiro superior, que passa sobre a construcção, aberta officialmente em 1 de fevereiro. Os trabalhos duraram cerca de dois annos e meio, e foram executados sem interrupção para o trafego. A linha auxiliar de Maidenhead e Didcor ficará provavelmente concluida em junho. Esta linha effectuará um desdobramento do caminho de ferro entre Didcot Junction e Taplow Bridge, e offerecerá melhores commodidades para o trafego e para as secções northern, west mimidland, e western, da rede da companhia.

— A companhia do caminho de ferro de S. Gothardo está estudando um projecto para a applicação da tracção electrica para a ascensão do Monte Cenere. A força motriz seria produzida pelas aguas do Marobbia, no começo da linha do Monte Cenere, podendo-se obter uma força de 600 cavallos, sufficiente para a mencionada tracção electrica, e para illuminar pela electricidade a estação de Bellizona e outros edificios.

Morte d'um rei da Oceania. — Annuncia-se a morte de Jorge I Touboou, rei das ilhas de Tonga, ou ilhas dos Amigos. Este archipelago, situado a oéste do Nova Caledonia, comprehende os tres grupos de ilhas de Tenga, Vovaou e Haabai, e fórma um reino unido.

Jorge I tinha nascido em 1818 e reinava desde 1845. Em 1875 tinha dotado os seus estados com uma constituição modelada sobre a das ilhas de Sandwich. Nos annos seguintes fez tratados amigaveis com a Allemanha e Grã-Bretanha. Morreu na sua residencia de Noukoualofa, capital do reino e séde do governo. O herdeiro da corôa é um mancebo de 19 annos, seu neto, o principe Taoufa Abaou.

Precocidade no crime.—Herman Greusel, filho d'um rico cultivador dos arredores de Durand (Estados-Unidos), foi preso ha poucos dias por haver tentado envenenar toda a familia. O pequeno Greusel recusava-se obstinadamente a ir á escola, motivo porque seu pae o castigou, d'ahi datou a premeditação do envenenamento, para o qual furtou grande quantidade de arsenico, lançando-o a um poço da herdade. Os primeiros a beber d'aquella agua foram o pae, a mãe e dois criados, que se sentiram gravemente enfermos, e que só á custa de grandes cuidados os medicos conseguiram salval-os. Alguns animaes que beberam do referido poço morreram immediatamente. O precoce envenenador foi encerrado n'uma casa de correcção, até completar 20 annos de idade.

Honraria. — A Associação dos Estuadantes de Paris deu no dia 26 o seu grande baile annual nos salões do ministerio dos negocios estrangeiros, gentilmente cedidos pelo governo francez. A's onze horas entrava nos salões o presidente da Republica, sr. Carnot acompanhado por sua esposa, sendo recebido pelo presidente da Associação e por uma commissão de estudantes, que lhe agradeceram a honra da sua presença. Mais tarde, no buffette, Carnot bebeu á prosperidade da academia parisiense, e fez um pequeno discurso felicitando a associação. Entre os convidados via-se o ministro dos estrangeiros, presidente da camara dos deputados e sua esposa, muitos lentes de diversas escolas, o prefeito de policia e um grande numero de notabilidades scientificas, do exercito e da burocracia.

As mulheres que se vingam. — Na aldeia franceza de Plouha, uma mulher chamada Ferlicot, casada em segundas nupcias, tinha por marido um homem brutal e violento que, quando bebia mais que o regular, o que succedia frequentemente, a desancava sem piedade, bem como á nora. Na noite de domingo para segunda-feira, essas scenas de brutalidade foram ainda mais crueis, e então as duas victimas resolveram matar o seu perseguidor, annuindo toda a familia ao sinistro projecto.

Na terça-feira, estando Ferlicot já deitado e a dormir, o cunhado e o sobrinho entraram-lhe em casa. Beberam muitos copos de aguardente para ganhar animo e depois a mulher de Ferlicot pôz-se a bater no marido. Este, dispertado em sobresalto, saltou ao chão para se defender, mas os quatro assassinos moeram-n'o com pancadaria, até que cahiu sem sentidos. Depois a mulher agarrou-o pelo pescoço e estrangulou-o! O *maire* exigiu a certidão de obito e foi então que o crime se descobriu. Os assassinos estão presos.

Legado caritativo. — Um francez de bons sentimentos, mr. Ramondesse, legou a quantia de 60 contos a todos os jovens que contassem na data da morte do testador, o maximo de 15 annos de edade, e fossem filhos legitimos ou naturaes reconhecidos, de operarios ou capatazes de trabalho, francezes ou estrangeiros, fallecidos desde 3 de fevereiro de 1887 a 3 de fevereiro de 1890, em consequencia de desastres occorridos nas minas de França ou Algeria.

Como o legado pode aproveitar a algum nosso compatriota, será bom que os que estejam nas circumstancias indicadas, se dirijam por escripto ao ministerio das obras publicas em Paris ou á chancellaria da legação franceza em Lisboa.

A originalidade americana.—Um mexicano chamado Alfonso Elisondo foi ultimamente condemnado a ser enforcado em Fonville, no Texas. A' ultima hora o governo perdoou-lhe, mas já o cadafalso estava levantado e a multidão, sabendo que a execução não tinha logar, manifestou extraordinaria colera.

O sherife comprehendeu immediatamente que Alfonso tinha todas as probabilidades de ser linchado pela populaça. Assim usou d'um subterfugio pouco commum para salvar o desgraçado. Mandou conduzir Alfonso para o cadafalço, poz-lhe na cabeça o funebre capuz preto e ordenou-lhe que dansasse como quem perneia no ar.

Alfondo deu-se pressa em executar esta singularissima ordem e o publico, enthusiasmado, poz-se a applaudir calorosamente o pobre homem a quem, momentos antes, estava disposto a assassinar com toda a semcerimonia. Muito patuscos estes americanos!

A repovoação dos rios.—Trata-se em França de aclimar nos rios varias especies de peixes exoticos. Ultimamente recebeu uma estação de pisicultura 10:000 ovos de trutas, arco iris originarios dos rios da da California. Estas trutas, desconhecidas na Europa, possuem uma linda côr e são muito saborosas, afirmam.

Assaltos de esgrima. —Na sala d'armas dos armazãens do Bon Marché, em Paris, que tem por professor o sr. Mérignac, realisou-se ha dias o assalto annual, perante numerosa concorrencia. No ultimo domingo do mez passado teve logar no Grand Hotel, na mesma cidade, um assalto entre officiaes e varios professores civis. Para tal fim o general Saussier incumbiu o general Chanoine para presidir ao referido assalto, organisado pela Sociedade propagadora de esgrima, em honra do exercito. E no proximo domingo 5 do corrente realisar-se-ha o assalto de beneficencia da Sociedade de soccorros mutuos dos mestres de Paris, na sala da Sociedade dos Agricultores de França.

Suicidio.—O general italiano Eugenio Tommasia Crudeli, commandante da brigada Acqui, de guarnição em Bergamo, suicidou-se ha dias com um tiro de rewolver na cabeça. Diz-se que o general não podera supportar a ideia de ser posto, dentro em brebe, na inactividade. Pretendem outros que soffria de uma molestia incuravel, o que o levou ao suicidio. Nascera em 1835. Seu irmão, Corrado Tommari Crudeli, é senador do reino.

Os phosphoros em Madrid. — Como em tempos dissémos, o governo hespanhol, querendo augmentar as receitas do thesouro, pensou em conceder a uma companhia o monopolio da fabricação de phosphoros. Se bem pensou melhor o fez, e os felizes monopolistas logo que se encontraram unicos senhores de tão importante fonte de riqueza, trataram, como é costume em todos os paizes, de explorar o consumidor e reduzir a percentagem aos revendedores.

O ultimo dia para a Hespanha era no dia 28, por isso os nossos visinhos trataram de se acautellar e como homens previdentes fizeram tão grandes fornecimentos que o genero chegou a exgotar-se nas casas que habitualmente faziam esse negocio.

Em Madrid, principalmente, o numero de vendedores ambulantes foi no dia 28 verdadeiramente extraordinario. Por todas as ruas centraes e nos passeios mais concorridos, centenas de homens, mulheres e creanças, sobraçavam e vendiam caixas de phosphoros, desde as de antigo modelo, de gavetão, até ás modernas, de elastico e com espelhinho na frente.

Nas tabacarias e mercearias a venda foi tambem enorme, não ficando quasi um exemplar por vender.

Em Madrid e em quasi toda a Hespanha está-se operando uma grande reacção contra o monopolio e a commissão que na capital hespanhola está á frente do movimento de protesto, tem recebido adhesões de grande numero de provincias, e a opinião publica sympathisa em geral com o movimento. Os pobres revendedores soffrem um corte importante nos seus interesses, porque ficam apenas com a percentagem de 6 p. c., o que de modo algum é um lucro remunerador.

Os vendedores ambulantes ainda ficam mais prejudicados, porque a Companhia só lhes vende a porção minima de cinco grosas de cada uma das tres classes de phosphoros; cujo custo é de 135 pesetas, quantia pesada para esses pobres diabos, que com grande difficuldade conseguem matar a fome com os lucros da sua industria.

A população dos queijos.—M. Ademetz, encontrou em cada gramma de queijo Gruyère fresco, a bonita somma de 125:000 microbios. Com o tempo este numero augmenta; assim, no fim de 71 dias uma gramma do mesmo queijo continha 800:000 bacterias! Observações feitas sobre queijos da mesma proveniencia, porém mais duras, demonstraram que o numero de microbios póde chegar até *dois milhões* por gramma. Estes numeros referem-se ás partes centraes; as peripherias podem chegar a conter *cinco milhões e meio* por gramma! Em meio kilo de tal queijo existem mais seres vivos, do que homens sobre a terra.

O valor de um cavallo em Inglaterra. — O cavallo inglez *Sain Blasc*, vencedor no Derby, vendeu-se ha annos a um rico proprietario dos Estados-Unidos pelo preço de 100:000 dollars (noventa contos de réis). Até então, era este o preço mais elevado que se havia pago por um cavallo.

Pois ainda ha mais! O duque de Westminster vendera ha tempo o cavallo *Ormonde*, vencedor no Derby e em Saint-Loge em 1886, a João Bocau, de Buenos-Ayres. Este acabou de vendel-o a um tal Donnaugh, grande proprietario de minas, pela quantia de 140:000 dollaras—126:00$000.

O volapuk.—Era uma vez o *volapuk*! O lindo sonho d'uma lingua universal dissipou-se! A indifferença do publico pela idêa de pôr todos os homens a fallar a mesma lingua foi tão completa, que a associação franceza que se formára para a propaganda do *volapuk* teve de dissolver-se!

A cremação. — O governador de Berlim acaba de pedir auctorisação para poderem os habitantes da cidade proceder á cremação dos seus defuntos. O ministros do interior, da justiça e dos cultos negaram-se a deferir, ignorando-se por emquanto as razões da recusa.

Novo modo de pedir trabalho.—Ha dias via-se passeiando nos Campos Elysios, em Paris, um individuo tendo nas costas uma taboleta com os seguintes dizeres:—«Tenho fome, dai-me trabalho».

Isto attrahiu a attenção dos transeuntes e muitos d'elles dirigiram-se ao individuo para lhe dar qualquer obulo, mas o homem não acceitava, replicando:—Não mendigo, peço simplesmente trabalho.»

A mesquita de Ceuta —Na exposição historica, de Madrid, vão figurar alguns primorosos capiteis, ricos artezoados e varias columnas que pertenceram á mesquita de Ceuta que, ao ser conquistada em 1415 pelos portuguezes, estes a consagraram ao culto christão. A mesquita foi recentemente demolida depois de ter sido transformada em armazem de ferragens.

O conforto nos comboyos.—Em França na linha ferrea de Saintes a Angolême, foram este inverno postas em circulação as primeiras carruagens aquecidas a vapor.

As carruagens são locomotiva por um aparelho em que o machinista introduz o vapor por meio de uma torneira. Cada compartimento encerra uma placa estriada, aquecida pelo vapor e na qual os passageiros pódem collocar os pés á vontade.

Este systema de aquecer as carruagens de um comboyo tem dado os melhores resultados, de modo que se espera vêl-o em breve adoptado em todas as grandes linhas ferreas da França.

Um anniversario raro. — Dizem os jornaes austriacos que o archiduque Alberto, commandante superior do exercito austro-hungaro, celebrará no dia 4 de abril proximo o 30.° anniversario da sua nomeação de marechal.

Rectificação necessaria

O *Diario Popular* de sexta-feira ultima, no seu artigo principal, conta o seguinte:

«Reconhecendo-se emfim, que não podiamos administrar e fecundar tão dilatado imperio colonial, resolveu-se explorar a provincia de Moçambique por meio de companhias *com maiores ou menores direitos magestaticos. A primeira concessão foi feita pelo ministerio Luciano de Castro ao fallecido conde da Penha Longa, e veiu a ser a companhia de Moçambique.* Seguiu-se a do Cabo Delgado ao conde de Daupias e outros, etc.»

Ora tudo isto é inexacto, e o *Correio da Noite*, a quem ninguem pode negar competencia para desmentir as falsas affirmações, responde-lhe por esta forma precisa e verdadeira:

«1.° O ministerio Luciano de Castro era tambem ministerio Marianno de Carvalho, porque ao tempo da concessão, a que se refere o *Diario Popular*, este cavalheiro fazia parte muito importante d'aquelle ministerio.

2.° O dito ministerio não fez nenhuma concessão ao conde da Penha Longa. Concedeu apenas por decreto de 20 de dezembro de 1888 á companhia de Moçambique, sociedade anonyma fundada em Lisboa com o capital de 180:000$000, cujos estatutos foram publicados no *Diario do Governo* de 21 de março do mesmo anno, as minas do estado situadas na bacia hydrographica dos rios Busio e Aruangua, *na provincia de Moçambique*, que haviam sido concedidas por decreto de 12 de fevereiro de 1884 á companha de Ophir—concessão que cadu-

---

sa estavam envoltos em quasi es-
ão. Rosa que, desde o momento
hegada, sentia uma commoção
licavel, commoção que provinha
a posição actual ou dos seus actos
dos, que tanto era remorso como
nha, alegria como tristeza, occul-
a um canto com sua filha e dei-
o cahir sobre uma cadeira.

etraz d'aquella cadeira, de pé-
vel, com a cabeça um tanto pen,
pelo pezo do seu orgulho, os bra-
costados ao espaldar, o olhar fi-
porta, e completamente envolvi-
ombra, estava o conde de Rambla.
sa e o conde entregavam-se tal-
aquelle momento á contempla-
seu passado, cheio de alegrias
enas, de luzes e sombras, de vi-
peranças e realidades amargas.
sa, tornada agora á miseria a
tinha levado a punivel indolen-
seu marido, sentiu dôr mais pro-
ao vêr-se na mesma casa onde
deslisado suavemente a sua ju-
e, como um regato n'um jardim
s, sem obstaculos, sem sombras,
bysmos, sem nada, emfim, que
passe o tranquillo descuido e a
a jovialidade d'uma adolescen-
ia de paz e de socego. N'aquel-
ento via reproduzir na sua ima-
, como n'um vasto scenario,
s momentos da sua vida de sol-
'essas horas que passam tão in-
lmente, que tão espaçosas nos
ı ás vezes, e das quaes depois
ordamos com lagrimas ou com
s dolorosos. Quanto valor ad-
n nossa imaginação, na nos-
sa alma todas essas bagatellas que desprezamos quando creanças! Consideradas e analysadas atravez da experiencia e dos annos, uma phrase parece-nos um poema e um nada um mundo. N'essa edade, a sociedade inteira limita-se aos nossos amigos, a aldeia é o nosso universo.

Rosa, no meio das suas amarguras, recordava-se e pensava em tudo isto, e volvia a alma com gratidão, para as reminiscencias que lhe tornavam menos doloroso o abandono.

Alli tinha sido jóven, alli tinha passado os dias mais felizes da vida, tinha tido seres que a amassem, fogo que a aquecesse quando voltava da praia, flôres que lhe adornavam os brilhantes cabellos nos dias de festa, labios que a osculassem. Flores, passaros, noites de luz, horas de insomnia, risos alegres, chimericos prazeres, tudo, emfim, quanto arrasta a poz si esse formoso periodo da vida da mulher, durante o qual as suas lagrimas são perolas, as suas palavras musica, notas o seu canto, explosões o seu riso, pureza a sua alegria, raios os seus olhares e perfume a sua alma, tinha passado para a pobre Rosa.

Por isso estava pallida, triste, quasi desfigurada, ainda que lhe restassem os formosos cabellos e os olhos brilhantissimos: olhos e cabellos que só lhe serviam para tornar mais visivel a nitidez da sua fronte e as amarguras d'aquella alma que parecia extinguir-se sob o fogo d'um grande infortunio.

Trajava de preto.

José, Agueda e Antonia entraram no quarto, procuraram com a vista e custar-lhes-hia a distinguil-a se ella não corresse ao encontro de todos para os abraçar com a fraternal effusão que brota da alma que não póde fingir.

— Ah! senhora!-balbuciou Agueda.

— O que?! Não sou já a mesma? Já não sou a tua irmã? — articulou Rosa.—Oh! abracem-me todos, apertem-me contra o coração; quero saber que não se esqueceram da pobre Rosa, e que cada dia me estimam mais.

Havia tal sinceridade e melancolia nas palavras de Rosa, que todos, excepto Carlos, que se aproximara do conde, córaram ao ouvil-a.

— Receio, senhor de Perales—dizia Luiz de Zuñiga — que D. Raymundo me não perdoe os desgostos que lhe causei.

— Não o conhece, meu amigo — retorquiu Carlos — D. Raymundo, cuja predilecção, desde a juventude, é o Evangelho, crê nas suas santas maximas e sabe pratical-as. Não lhe cabe a vingança no coração nobre e generoso. N'aquella alma não ha logar para rancores. N'aquelle cerebro não germinam senão pensamentos nobres e caritativos. O senhor conde, longe de receber favor n'esta casa, pelo contrario, dispensa-o e bastante consideravel... ella ama tanto Adela...

— As palavras são grande alivio para um coração que, como eu, experimentou em pouco tempo toda a casta de desenganos; mas pela mesma rasão que comprehendo o valor d'ellas, preciso de tomar uma resolução: a minha permanencia n'esta casa é impossivel.

— A'manhã fallaremos n'isso. Por emquanto pense em reanimar o seu espirito abatido pelos recentes golpes que recebeu e entregue-se todo á felicidade de Rosa—continuou o coronel. E dirigindo-se a sua prima, accrescentou:—Vamos ter com D. Raymundo, que vae ficar surprehendido a ponto de julgar que está sonhando.

— N'esse caso—disse o conde dirigindo-se a Carlos em voz baixa—não perturbemos a sua alegria com a minha presença.

— Perturbal-a! Porque?

— Porque a dôr e a alegria são tanto menos expansivas quanto mais testemunhas teem. Eu esperarei aqui.

Carlos respondeu ao conde com um gesto persuasivo, e na companhia de Luiz, Rosa e Adelaide encaminhou-se para onde estava D. Raymundo.

O coronel entrou primeiro.

Mas n'aquelle momento o velho estava dormindo ao pé do fogo. Tinha as pernas estendidas, as mãos encrusadas, um livro, o Evangelho, collocado sobre os joelhos, e a barba encostada ao peito. Precia um patriarcha. A luz projectava-lhe em volta dos cabellos brancos de prata uma aureola de brilhantes. Carlos voltou sem fazer ruido e disse a Rosa.

— Entre com a menina.

Rosa estremeceu, entrou tremendo de alegria, e quando viu D. Raymundo n'aquella posição, que era a d'um justo, exhalou uma pequena exclamação. O velho despertou.

Rosa pegou na mão de sua filha, percorreu com ella, e impondo-lhe silencio, o espaço que a separava de seu tio, e limpando algumas lagrimas de gratidão e de carinho, cahiu de joelhos a seus pés.

— Ah! dorme: o seu somno é o dos justos. Na fronte reflecte-se-lhe a virtude da alma.

Rosa dobrou a fronte, fez ajoelhar Adelaide e disse-lhe:

— Minha filha, beija a terra que esses pés pisam, porque esse velho será para ti d'hoje em diante o anjo da caridade que te abrigará sob as suas azas. A criança, que durante esta scena estivera alternativamente observando sua mãe e o velho, sorriu-se com candura e replicou:

— Não é anjo, mamã; é o meu avósinho! Raymundo accordou.

Tentar descrever o que passou pela phisionomia d'aquelle velho seria quasi impossivel. Gritou, moveu-se, abraçou Rosa e Adelia, choron como uma creança, riu como um louco, e só quado lhe passou a surpreza, pôde dizer:

— Adelaide! Rosa! minhas filhas! Creio que não é sonho; é verdade que as tenho aqui?! E Carlos escondiam'as! Já se não separam de mim! São minhas para sempre, para sempre! Que pallida estás, Rosa! Mas, aqui, na nossa companhia, recuperarás as tuas côres e alegria. Oh! que feliz vou ser! E tu, Adelaide? E dizendo isto, beijava a creança, sentava-a nos joelhos, affagava-lhe os cabellos, e aquella natureza fatigada parecia recuperar toda a agilidade com o jubilo de que se possuira. E proseguia com encantadora incoherencia:

— Maroto do Carlos! Ter-me occultado a vossa chegada! E teu marido? Onde está? Porque não entra? O que tem? Rosa, que ainda estava abraçada a D. Raymundo, apontou para a porta, e com os olhos arrasados de lagrimas e a voz profundamente commovida, exclamou:

— Luiz está alli, esperando que o tio lhe abra os braços.

— Alli! Ah! sim, meu filho, vem a meus braços! — exclamou Raymundo, querendo correr para o logar que sua sobrinha lhe indicava.

O conde, estimulado por Carlos, que ouvira tudo, apressou-se a entrar na sala, balbuciando com a voz do arrependimento, que é a voz da alma:

— Ah! senhor!

E cahiu ajoelhado aos pés de D. Raymundo. O grupo era demasiado pathetico; e Adelaide, com o seu sorriso e olhar infantis, dava-lhe um colorido encantador. Momento de alegria indifinivel foi aquelle para todos.

Os olhos estavam humedecidos pelas lagrimas, os corações commovidos pelas dôces palpitações da alegria.

Carlos gosava com a sua obra.

Raymundo julgava-se ditoso, acariciando a infantil cabeça de Adelaide.

Rosa, vendo o conde longe do inferno de Madrid, sonhava um paraizo de felicidades. Só o conde não era feliz, porque lhe despedaçava o coração o grito do remorso.

(Continua.)

cára por haver esta companhia faltado no c[illegible] ao cumprimento das obrigações que lhe f[illegible] impostas. O decreto de 1884 [illegible] dado pelo sr. Pinheiro Chagas, decreto de 1888 pelo sr. Barros Gomes. A concessão outorgada á companhia de Moçambique é exactamente a mesma que fôra feita á companhia de Ophir. Esta era obrigada a depositar 9:000$000. Aquella tinha o capital effectivo de 180:000$000. No mais eram perfeitamente eguaes as duas concessões.

3.º Não se fez á companhia de Moçambique concessão de quaesquer direitos magestaticos, nem maiores nem menores.

Estes são os factos que constam de documentos officiaes. Em conformidade com elles e por amor verdade, esperamos que o nosso collega dará aos seus leitores conhecimento d'esta rectificação.»

E fel-o já no seu n.º de hontem o que nos é grato ver.

A questão dos credores

E' do *Correio da Noite*, que acabamos de receber, o seguinte artigo:

Causou hontem pessima impressão o telegramma de Berlim, que toda a gente vivamente commentava. A declaração de que só por um accordo se resolverá a questão do serviço da divida externa portugueza, equivale á exigencia de um convenio. Entende o governo allemão que a sorte dos credores não deve ser decidida por uma simples deliberação do governo portuguez, e que deve ser antes fixada n'um contracto bilateral. A imprensa allemã applaude muito a declaração feita no *Reichstag*, e appella para os sentimentos justiceiros do povo portuguez, que se não opporá ao estabelecimento das garantias que forem indispensaveis á segurança do contracto. Alguns jornaes franceses lançaram-se já nas mesmas aguas, e dizem-nos que na Hollanda se faz o mesmo.

Por baixo de tudo isto está-se a vêr o governo portuguez com muita vontade de transigir com os credores estrangeiros, e por outro lado com muito medo da opinião publica. O appelo ao povo portuguez parece encommendado, e se não é, representa um acto de previsão, indicativo de que lá fóra se conta mais com a condescendencia dos nossos governantes do que com a tolerancia dos governados. Para isso vão fazendo a côrte a estes, porque os governantes estão certos.

Replantação de vinhedos

Sob o assumpto escreve ainda o *Jornal* de *Santarem*:

Ainda que a falta de espaço nos inhibe agora de expender todas as considerações que o importante problema da *regeneração dos vinhedos* nos disperta, entendemos todavia conveniente não addiar a terminação dos articulados que sobre este assumpto publicámos nos numeros 475. Tambem nos moldes em que detalhámos a questão pouco mais ha a accrescentar.

Expostas, sob a forma ligeira e breve—a admissivel n'um jornal—as ideias em que nos fundamos para receiarmos do nosso futuro viti-vinicola cahimos necessariamente na unica hypothese que nos póde salvar. Se ella passar d'essa qualidade á de facto consumado terão os que doudamente hoje se abalançam, por entre tantos contratempos, a plantar vinha, *ás leguas*, achando uma prova de que *vale a pena arriscar*. Essa hypothese como a haviamos annunciado no numero 475 consiste na facil collocação dos nossos vinhos nos mercados extrangeiros. Mas da hypothese aos factos vae uma grande distancia. Os problemas não se resolvem por si, teem de ser resolvidos.

E' certo que o digno ministro das obras publicas, da anterior situação, esboçou a largos traços o caminho para a sua solução, mas entre esse esboço, aonde se acha bem difinida a intervenção official, á *obra*, que tem de ser comprehendida e executada pela iniciativa particular, vae tanta distancia como do sonhar a... actuar solida e proficuamente.

A aspiração foi, é certo, gerada por intellectualidade *com vista*. E' tão generosa como grandiosa; mas não obstante essas bellas qualidades ficará inane por isso que a sua realisação depende da intelligencia e energia d'aquelles a quem ella aproveita, e que ha muito estão acostumados a que por elles se pense e por elles se trabalhe.

Eis o primeiro embaraço—a falta de comprehensão e de iniciativa. Com este antolha-se-nos outro talvez mais irreductivel.

E' bem certo o aphorismo indigena que diz «quem quer vae, quem não quer manda» e sendo, como é, assim como pode o pequeno productor, que é o mais numeroso, levar aos mercados extrangeiros os seus vinhos?

Como, para todos, se poderá fazer a propaganda, o credito e a dissemmação dos nossos productos?

Os vinhos devem representar-se nos mercados no estado neutro para alli serem comprados e soffrerem a elaboração typica, ou devem ir d'aqui já *orientados*, ou ainda devem apresentar-se *orientados* com typo genuinamente portuguez luctando contra os concorrentes d'outros typos?

E' necessario tudo isso saber, e a questão é deveras para muito pensar. Se levamos vinhos neutros, praticamos um gravissimo erro, porque os preços nunca nos serão compensadores e deixaremos na mão do intermediario lucros que deveriamos guardar; se levamos vinhos que hajam de concorrer, simulando typos que não são os nossos, abriremos inevitavelmente uma concorrencia em que prejudicado será o intuito de darmos sahida ao que demais temos.

E d'ahi onde as escolas para essa systematica elaboração de vinhos, que n'este ultimo caso será uma mascara e desvirtuamento nas nossas proprias riquezas?

Sem duvida, de todas as soluções a que nos agrada é crear e difinir os bons typos dos vinhos portuguezes.

Escola por escola preferimos esta que dará productos que estarão a cima de toda a concorrencia, porque tudo nos poderão roubar ou falsificar . . . . menos o solo, o sol e o clima.

Mas estes emprehendimentos, estes planos poderão ser executados pelo pequeno proprietario, pelo pequeno productor?

Impossivel.

E' tão grande a empreza que só a iniciativa individual não basta; é necessario a iniciativa collectiva, unica que póde conciliar a iniciativa do capital.

Em nossa opinião, feitos os estudos dos nossos vinhos e escolhidos os typos de combate e vulgarisação, só companhias ou syndicatos poderosos poderão emprehender a lucta. Seriam estes syndicatos ou companhias os compradores do genero dos que não estivessem aggremiados e seriam elles que, depois de preparados estes vinhos os levariam a todos os mercados estrangeiros.

Como faz o allemão, o belga, o inglez, todos enfim que luctam intelligentemente, teem em cada centro commercial um deposito e por toda a parte os seus caixeiros. O resto seria então com poderes officiaes, por meio dos seus delegados no extrangeiro.

Muito positivamente o declaramos, tudo o que se fizer fora d'isto, que aqui muito succinta e despretenciosamente expendemos, será... uma utopia. Abstemos-nos de mais considerações, porque sem escrevermos um livro, ahi ficam os topicos.

Elles ahi ficam.

SECÇÃO SCIENTIFICA

DR. PINTO COELHO

Look here upon this picture: diremos nós, como o Hamlet, apontando para o medalhão que encima este artigo. Vêde-o pois.

Pinto Coelho tem aquella fronte rasgada e espaçosa que, no dizer do poeta, accentua tanto a physionomia do homem quanto um largo horisonte engrandece a paysagem. Os olhos, que se advinham por detraz das lentes do *pince-nez*, são vivos e brilhantes como a sua privilegiada intelligencia, e ora se abrem fuzilando relampagos quando a paixão lhe põe nos labios a braza da eloquencia, ora se cerram na contracção habitual aos myopes, emfeixando todos os raios visuaes n'um só, agudo e perfurante, que possa penetrar o documento humano ou escripto que tem a inquirir. Olhar, como o do pae do dinamarquez, para a ameaça e para o commando. Os cabellos, raros na fronte, destoam, é certo, pela sua brancura do vigor d'um cerebro a que o tempo só trouxe a madureza da experiencia e da ardencia d'um coração aberto a todos os nobres e grandes enthusiasmos. Assim tambem as mais elevadas montanhas se desentranham em valles mysteriosos que floreja uma primavera eterna e se cobrem de vergeis em que se sasonam os fructos do outomno, a despeito de nos pincaros lhes alvejarem já as neves do inverno. A bocca como que adrede talhada para d'ella sahir energica, expressiva e vibrante a palavra que subjuga e convence. Uma combinação de feições emfim onde a divindade—como diria ainda o Hamlet—parece ter posto o seu sello para assegurar ao mundo que alli está um homem. E tudo reunido compondo o typo classico do advogado, professor e *gentleman*, forçado a miudo a amoldar as especulações da sciencia aos conflictos d'uma sociedade no meio da qual tem de viver.

Agora que completámos com alguns traços o medalhão de Pinto Coelho, surprehendamos um dia siquer da honesta, laboriosa e agitada vida de quem, como o antigo, nunca deixou passar um só sem lançar linha.

Madrugador, como todos quantos conhecem o valor do tempo, as primeiras horas da manhã passa-as no seu escriptorio de advogado. Sentado á sua banca, cercado de livros, no meio d'aquella inextricavel confusão de papeis que é, muitas vezes, a ordem para os homens de estudo, ei-lo versando os arduos problemas da jurisprudencia. As questões forenses mais importantes, as demandas mais complicadas, as consultas mais difficeis, quasi todas, tem nos ultimos tempos passado pelo seu telonio sujeitas ao exame investigador, ao fino criterio do habil causidico. Escrevendo, quasi sempre, por proprio punho as suas allegações n'uma calligraphia breve, meuda, em que frequentes abreviações mostram a rapidez da concepção, dir-se-ia que as letras que elle traça são outros tantos grãos de chumbo disparados contra o adversario. A linguagem é castiça, o estyllo energico e incisivo. A clareza na exposição corre parelhas com a logica do raciocinio, e dominam por tal fórma nos seus trabalhos juridicos que o leitor, esclarecido primeiro e empolgado depois pela ferrea argumentação do polemista, chega ao fim rendido e fascinado.

Levantando mão d'esses trabalhos destinados na maxima parte, mercê da pouca publicidade dos nossos debates judiciarios, a ficarem sepultados nos cartorios pulvurulentos dos tribunaes, Pinto Coelho passa a receber clientes e collegas que vêm sollicitar-lhe o patrocinio ou ouvir-lhe o conselho. E é vel-o então *ouvir intelligentemente* o que constitue um dos segredos da sua perspicacia, fazer immediatamente sua a questão proposta e resolvel-a afinal com são criterio, pratico e seguro!

A manhã, porém, vae alta e outros emprehendimentos sollicitam a sua inexcedivel actividade fóra do escriptorio. E elle ahi vae, correctamente vestido, caminho da Companhia das Aguas. A Companhia das aguas!—que dispendio enorme de talento, sagacidade, perseverança, tacto administrativo, financeiro e até diplomatico, lhe tem custado essa grandiosa empreza! Elle foi que, como Moysés, fez jorrar em Lisboa, aos golpes da vara magica da sua intelligencia, a agua do Alviella. E, quantas vezes, tambem o povo, como o de Israel, se tem insurgido contra elle! Mas Pinto Coelho em vez de quebrar as taboas da lei, usa, a cada uma d'essas revoltas, proclamar ás tribus do alto da sua Presidencia, e com tal acerto o faz que os seus manifestos são sempre o *quos ego* com que amansa furores e quebra iras.

Perderiamos, porém, em grande parte o nosso dia se não escolhessemos um d'aquelles, em que o illustre advogado tem de orar em algum tribunal. São raros esses dias pois que entre nós, como já mais d'uma vez o temos lamentado, o foro é quasi mudo. Póde succeder comtudo, e tem succedido, que uma causa crime ou commercial faça com que Pinto Coelho, haja de orar em pleno tribunal. Quem não o viu ainda n'uma d'essas occasiões solemnes tem perdido o ensejo de admirar um dos mais acabados e perfeitos oradores forenses contemporaneos. E' verdadeiramente o *vir bonus dicendi peritus*. A jurisprudencia é milicia, expende um texto romano, e por isso ninguem como elle provido e adextrado para as lutas da palavra.

Envolto na ampla toga que lhe engrandece a estatura erecta a formosa cabeça, firme, aprumado, Pinto Coelho começa por fazer com voz clara e dicção facil a exposição da causa; successivamente a defeza vae-o dominando, a coavicção anima-o, a logica arrasta-o e então, possuido pelo demonio da eloquencia, illumina a fronte, faiscando-lhe os olhos, largo e nobre o gesto, o verbo freme-lhe nos labios sonoro e candente; e o orador logrou ainda uma vez o mais inebriante de todos os triumphos— dominar os homens pela palavra. Ao vêl-o n'uma d'essas occasiões comprehende-se como em Roma o foro era verdadeiramente *forun* e como os grandes advogados eram tambem os grandes oradores politicos. E Pinto Coelho tambem já o foi, e sel-o-ia ainda hoje se o paiz tivesse podido dispensar na galeria das suas celebridades um sexto siquer de logar para o eleger deputado ás côrtes por accumulação. E era valente parlamentar! Representante de um partido sem responsabilidades actuaes, livre de compromissos, o deputado realista não perdia ensejo de tomar a mão para criticar faltas, apontar erros, verberar contradicções, e attribuindo habilmente as desgraças do presente ao systema, concluia, sempre, como os anabaptistas com o sabio ritornello:

Ad nos, ad salutarem undam
Iterum venite, populi!

Foi energico, foi duro, foi talvez cruel, é certo; logrou incommodar, como ninguem ainda o fez, os defensores das instituições, não ha duvida. Mas se, no ardor da paixão a sua palavra queimou muitas vezes como ferro em braza, nunca a rebaixou ejaculando grosserias, fazendo injurias, cuspindo calumnias. Partidario foi-o, aceso e até faccioso, mas acima d'isso nunca, para ser justo, esqueceu que era portuguez. Seria bem capaz, como Berryer n'um dos mais formosos movimentos oratorios d'este seculo, de render graças aos seus adversarios, se houvessem salvo a independencia da patria.

Estas qualidades, uma firmeza de principios nunca desmentida, um culto pela tradicção que não lhe faz esquecer a evolução effectuada n'este ultimo meio seculo nem o inhibe de fazer justiça ás aspirações modernas, elevaram-n'o, na falta sentida e prematura d'esse bom, sympathyco e intelligente Pereira da Cunha, a chefe do partido legitimista portuguez. Conquistou esse honroso logar: não foi, na phrase caustica de Saint Simon, *bombardeado* a elle por quaesquer illegitimas influencias. E seria para desejar que homens como Pinto Coelho, afastados para a direita ou para a esquerda, esquecessem as crueis dissensões que nos separam, na hora presente em que a alma portugueza, triste até á morte, supplica a todos que se detenham e vigiem pelo futuro da patria. Porque não hade aquella effigie de Leão XIII, que existe em frente da banca de trabalho de Pinto Coelho, inspirar-lhe uma regra de proceder, que o pontifice a quem tanto pungem as miserias do seculo, é o primeiro a aconselhar?

Como se a jurisprudencia e a politica não bastassem para observar a actividade, deveras extraordinaria, de Pinto Coelho, a agricultura ainda consegue levar-lhe uma parte do tempo. Agronomo e lavrador, tão acertadamente discorre nos centros e comicios agricolas como dirige a sua vasta e diffundida exploração rural.

A noite desce, embora!—com ella não chega para Pinto Coelho a hora do repouso. A associação dos advogados exige a sua presença. *Away*! E lá vae revellar mais uma phase do seu talento—saber presidir. De como alli é estimado dá honrada memoria o facto da associação ter deliberado collocar o seu retrato na sala das sessões e ouvir-lhe o elogio em sessão solemne da bocca do chorado Paulo Midosi.

Vice-presidente da associação cumbe-lhe *n'essa qualidade presidir ao* congresso juridico que a sociedade promoveu em Lisboa no anno de 1889. De como o fez está na lembrança de todos, e por isso só queremos, a tal respeito, memorar um incidente que, a nosso juiso, accentua bem a individualidade de Pinto Coelho. Foi na inauguração do congresso e na livraria da Academia Real das Sciencias. A' ceremonia presidiu El-Rei D. Luiz, que n'ella recitou o seu ultimo discurso em publico. Pinto Coelho tinha, como Presidente do Congresso, de assistir á sessão solemne e de n'ella discutir. Fel-o, e pela fórma levantada que se esperava. Terminada a ceremonia El-Rei, com aquella gentilleza, a que não sabia faltar, dirigiu-se a Pinto Coelho para o cumprimentar pelo seu discurso. E este,—mau grado as suas idéas politicas— curvou-se respeitosamente perante o Principe, chefe do Estado, e, durante alguns minutos, viu-se o espectaculo estranho, mas levantado, do rei constitucional conversar amavelmente com um dos mais intransigentes dos seus adversarios. E quem assistia a esta scena, tão simples, mas tão significativa, não sabia qual admirar mais, se a delicada gentileza do monarcha liberal, se a respeitosa cortezania do ferrenho absolutista.

Representante da associação no congresso juridico, ha pouco celebrado em Madrid, foi elle, tirante o descendente de Colombo, *ça va sans dire*, o unico presidente eleito sem ser chefe d'estado. E n'essa qualidade, tendo de fazer, de improviso, um discurso em resposta a um orador, que era nada menos que Canovas del Castillo, de tal fórma se sahiu, que não ficou inferior a si proprio.

Acabou a conferencia na Associação. Pensa alguem que com ella acabou a faina de Pinto Coelho? Puro engano. Um trabalho improbo e pesado absorveu-o até aqui nas prosaicas luctas dos interesses. Agora, pois, é tempo de abrir uma janella para o eterno azul. A sciencia vae ceder o passo á arte. E o advogado, o orador, o industrial, o politico, o agricultor, transforma-se n'um simples e enthusiasta *diletanti*. Quem o não conhece e distingue entre os *habitués* do theatro de S. Carlos, verdadeira instituição social e politica, onde se encontra á noite tudo que entre nós tem nome?

Singular e complexa individualidade! Dir-se-ia que a clarissima luz da sua intelligencia se decompõe, como atravez de um prisma, em tantos cambiantes quantos as varias applicações da sua enorme actividade!

E como o dia que findou, pomos nós ponto a este artigo. Felizes se nas linhas que deixamos traçadas conseguimos dar uma impressão pessoal ácerca do *mestre* e que se resume n'estas palavras: Pinto Coelho é um talento, e, mais do que isso, é um caracter.

(D'*A Semana de Lisboa*.)

FRANCISCO BEIRÃO.

CARTA DA FIGUEIRA

3 DE MARÇO DE 1893.

Na passada semana não escrevemos nada porque, francamente, não tivemos em que aguçar o dente ou antes o que tivemos era assumpto que nos enfadava, e como nós escrevemos por escrever, para nosso divertimento unicamente, deixamos para melhor maré a analyse de artigos como um do *Operario*, assignado *Pinto*, que nos pareceu saturado d'uma boa dóse de inepcia, e outros que taes nos outros dois jornaes. Nem uma *baetasinha* ou *laiá* do mirifico *Junior*, espinoteante de *verve* que désse logar a uma duzia de *bolos* que nós lhe applicariamos com toda a boa vontade de que somos capazes! Nem uma gazetilha de D. Bilro! Emfim, nada.

Mas já que fallámas de D. Bilro, devemos reparar um esquecimento, de que nos tornamos culpados, não fallando em uma cançoneta d'elle que foi cantada ha tempo no *theatro circo*. A cançoneta chamada *Innocentemente* (!) agradou bastante e não está mal feita; é sem comparação melhor do que quantas gazetilhas o dito D. Bilro tem *bigornado*. Porque não nos dá elle mais producções d'aquelle genero? Nós em parte, damos-lhe razão. Não houve um, dos tres periodicos figueirenses que transcrevesse a *Innocentemente*. Os jornaes aqui servem só para de vez em quando trazerem insolencias ou reticencias; ou então que: «nasceu um dente ao mimoso pimpolho do nosso amigo Z.» ou «fez annos o sr. Y. nosso amigo, e deu um *copo d'agua* composto de broa e feijão frade aos seus numerosos e dedicados amigos.» etc. etc. Tudo são amigos, emquanto não viram a casaca. Quando o nosso patricio Accacio Antunes ultimamente apresentou em *D. Maria* a peça *Tio Milhões*, não houve a mais pequena referencia, ninguem disse nada, não houve uma transcripção d'uma scena qualquer, umas palavras amaveis, que se eram elogio feito a A. Antunes tambem o eram para a Figueira. A apparição dos Rithmos de Gaspar Lemos quasi passou desapercebida na imprensa local. Não ha umas phrases de louvor que animem a nada, quer nas letras quer n'outra tentativa generosa de qualquer especie. Ha um baile, uma recita de amadores, uma festa enfim, dizem duas lerias banaes, banalmente estupidas, e disse. Sobre o que acabamos de escrever já nós estamos ouvindo os zuns-zuns dos pseudo sensatos.

— Então você agora diz isso e ha dias atirava-se ao junior, ao D. Bilro e á *tropa* dos theatros como gatos a bofes!? —Decerto, respondemos, o D. Bilro não sabe nem pode fazer gazetilhas, o Junior pode-se considerar um bom coordenador de desconchavos piégas e nada mais; e os amadores, salvo trez, quando muito, quatro, são bons para fazer um feixe e atirar ao Léthes.

E esta opinião que é nossa, é compartilhada por muita gente, do que não tiramos grande gloria, mas que é ainda assim uma certa compensação.

— *Faits divérs*, propriamente, não temos, a não ser o proximo duello entre um dos *da nossa melhor sociedade* e um temeroso Figaro que como arma escolheu *o gancho* (especie de tridente usado pelos lavradores).

— Hoje, domingo, continuamos a nossa carta que estava já fechada e que abrimos para fallar d'um artigo, muito bem escripto, que sahiu no *Operario* de hoje.—E' sobre a associação dos operarios. E' realmente muito sensato tudo que diz o sr. S. que assigna o artigo; muito sensato e muito verdadeiro, assim o que elle diz calasse no animo d'aquelles a quem é dirigido. Artigos d'estes é que o *Operario* devia sempre fornecer aos leitores, não os massando com as *pecas* e chatissimas lerias do E. M. de Montemor, que vem furioso contra o collega de Maiorca, não se lembrando do proverbio. «Vê-se a palha nos olhos do visinho....» Só elle é que quer ter o direito de tecer varias baboseiras com uma grammatica especial de sua invenção que nos deixa boquiabertas, e scismando como é possivel haver quem escreva para o publico com tanto descaro e tão pouca sintaxe.—O de Maiorca segue-lhe as pisadas cerce, e o homem vendo-se tão bem emitado, *espantou-se*. Modére o seu impeto, caro E. M., sustente o seu brio, e deixe que o de Maiorca nos envie tambem e bi-semanalmente algumas parvoices.

Apresentamos um illustre simiano, muito manso.—Só pelo descompassado dos braços faz lembrar a sua origem.

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

CONTOS MORAES

A MENTIRA É UM MAL

Hoje faz trinta annos que fui a *Castillejos* — Hespanha — ser padrinho de uma creança, a quem puz o nome de Felizardo. Gostei sempre dos nomes proprios que começam por F.

Voltei áquella villa hespanhola haverá uns cinco annos. Que mudança alli encontrei! A vida, a animação de um povo trabalhador, e que tinha dentro de si diversas fabricas de botões, tudo desappareceu. A mira nos ganhos da mina do *Rio Tinto* offuscou completamente o espirito dos habitantes de *Castillejos*, que desampararam a sua terra natal. Fui visitar a minha comadre — mãe do Felizardo. A pobre tinha enviuvado, e Felizardo estava nas minas.

— Como vae o rapaz? perguntei.

— Todas as semanas recebo carta d'elle, senhor compadre, vae bom.

— E que tal se porta elle?

— Muito bem. E' um mocetão como uma torre. Tem muita habilidade para fazer tudo o que vê. Mente com uma graça...

— Pois olhe, comadre, com graça ou sem ella, a mentira é ás vezes perigosa...

— Qual historia, senhor compadre, nunca o reprehendi por mentir. Deus queira que elle não tenha maiores defeitos!

Ora como a minha comadre gotava das mentiras do filho, e gabava-se de nunca o ter reprehendido, resolvi pôr ponto á questão, encaminhando a conversação para outros assumptos.

N'essa tarde fui dar um passeio até Almendro. Almendro é uma pequena povoação hespanhola, apenas de *Villa Nova de los Castillejos* por uma insignificante ponte. Ainda assim o timbre de voz, os costumes e os habitos d'este povo são completamente diversos dos *Castillejos*. Atravessei o povo, e segui a estrada fronteira. D'um logar, onde a estrada se eleva por sobre o cabeço d'um pequeno monte, avistei, lá ao longe, um cavalleiro, que fazia rebentar o seu cavallo n'uma corrida precipitadissima. Parei e esperei o. Quando chegou proximo e á falla, sopeou o cavallo e perguntou-me:

— Vem do Almendro?

— Não, venho de *Castillejos*.

— Sabe-me dizer se Maria Rodrigues, que mora na *Calle Lepes*, é ainda viva?

— Está boa de saude. Encontrei-a agora mesmo, ao sair da villa, sã como um pero.

— Ah infame! exclamou o cavalleiro.

— Então?

— Saindo do *Rito Tinto*, encontrei Felizardo Mathias, que me disse ter recebido esta manhã de sua mãe uma carta que lhe noticiava achar-se minha santa mãe nas ultimas agonias. Saí como uma setta—continuou aquelle bom filho,—e não sei como não fiz rebentar o meu cavallo.

— E quem é esse Felizardo?

— E' filho de *Castillejos*, mente como um perdido. Não suppuz porém que em assumpto tão serio elle me enganasse, mas juro que hade pagar.

O cavalleiro, em seguida, partia para *Castillejos*.

A' noite encontrei a minha comadre, e contei-lhe o que se passara. Ella respondeu:

— Pois, senhor compadre, não deixa de ter a sua graça! Foi uma corrida d'arromba...

— Lembre-se de que o cavalleiro jurou vingar-se do afilhado.

— E' o mesmo. O meu Felizardo é muito fino.

Ha um anno entrava em *Castillejos* Bartholomeu Marques — aquelle bom filho que viera n'uma corrida vertiginosa assistir aos ultimos suspiros de sua santa mãe. Bartholomeu ia triste.

— O que tens? perguntou-lhe um amigo.

— Nada.

— D'onde vens?

— De S. Lucar do Guadiana.

Mais adiante encontrou Bartholomeu uma sua comadre curiosa como quasi todas as mulheres.

— O que tem compadre?

— Nada,

— Nãs accredito: alguma cousa sabe que o aflige. Traz pintada no rosto a tristeza.

— E' verdade, tenho motivos para estar triste.

— O que lhe succedeu?

— A mim, nada. Se lhe conto, a comadre vae logo espalhar...

— Então eu sou d'essas, compadre?

— Pois bem, sempre lhe digo: Felizardo Mathias deu em S. Lucar uma queda tão perigosa, que morreu immediatamente, sem alcançar o viatico.

Uma hora depois toda a villa sabia da morte de Felizardo. Todos lamentavam um desenlace tão fatal. A pobre mãe saltou á rua n'uma gritaria medonha, emquanto lhe não preparavam a cavalgadura, pois que a pobre queria ver o seu infeliz filho, mesmo morto.

— Chorou, chorou, durante todo o caminho, e quando já bem proximo de S. Lucar, foi accommettida d'uma dôr horrivel que a fulminou á entrada da povoação.

E Felizardo?

Felizardo, a esse tempo, vendia cominhos e pimenta em Lagoa, são como um pero. Teve conhecimento da morte de sua mãe n'aquella villa, e bem assim do engano que fora tramado por Bartholomeu Marques.

Ouviu e calou-se por alguns mo-

Ill.mo sr. Edwin J. Johnston, consul de S. M. Britannica no Porto.—*José da Silva Passos*.

—

Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho a honra de accusar a recepção da carta que recebi do ex.mo sr. D. Luiz de la Torre Ayllon, ministro plenipotenciario de S. M. Catholica, datada de 20 do corrente, e dirigida ao presidente da Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino, o ex.mo sr. conde das Antas, e que abri como vice-presidente da mesma Junta.

A brevidade do tempo não me dá lugar para mais do que enviar a v. s.a para fazer presente ao mesmo ex.mo sr. Ayllon e ao governo de S. M. Catholica a copia do officio que escrevo n'esta data ao consul de S. M. Britannica ácerca da intimação que é feita á Junta, e do inaudito attentado praticado no meio da paz, e sem prévia declaração de guerra contra a esquadra da Junta, e contra a divisão n'ella embarcada. Em quanto não envio os protestos contra a violencia que se tem feito á nação portugueza, peço a v. sr.a que receba como protestos da Junta os que dirigiu ao consul de S. M. Britannica, na parte em que lhe são applicaveis, na certeza de que a Europa verá com profundo sentimento os procedimentos arbitrarios e injuriosos havidos contra a nação portugueza, cuja independencia proclamada em 1640, e depois reconhecida por toda a Europa, acaba de ser inexperadamente offendida. Aproveito esta occasião para renovar a v. s.a os protestos da mais alta consideração e estima.

Porto e palacio da Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino em 31 de maio de 1847.—Ill.mo sr. B. Bernardo Rodrigues Fuentes, consul de S. M. Catholica no Porto.—*José da Silva Passos*.

—

Extracto de um officio do consul de S. M. Catholica, em que s. s.a declara ser verdade que a intimação feita á Junta Provisoria por parte do embaixador da nação hespanhola foi entregue ao vice-presidente da mesma Junta pela uma hora da tarde do dia 31 de maio, isto é, depois de consummado o acto traiçoeiro do aprisionamento da nossa esquadra, e da divisão que a mesma esquadra conduzia.

—

«Ex.mo sr.—Muito meu sr.—Tive a honra de receber hoje pelas 4 horas da tarde a attenciosa communicação de v. ex.a em que se digna manifestar-me que a ex.ma Junta deseja lhe declare o dia e hora em que entreguei nas mãos de v. ex.a pessoalmente, e em companhia do consul de S. M. Britannica, um officio debaixo do n.º 2, do representante de S. M. Catholica em Lisboa, D. Luiz Lopes de la Torre Ayllon; e em resposta devo dizer-lhe que o referido officio o entreguei a v. ex.a em companhia do dito sr. consul de S. M. Britannica por cousa de uma hora d'esta tarde pouco mais ou menos.

«Ex.mo sr. D. José da Silva Passos, vice-presidente da Junta Suprema Governativa do Porto. O consul de S. M. Catholica, *Bernardo Rodrigues Fuentes*.»

—

Ill.mo sr.—Tenho a honra de declarar a v. ex.a que a Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino está na firme resolução de dar toda a protecção aos estrangeiros residentes nas terras sujeitas á mesma Junta, e proceder com todo o rigor das leis contra os que os offenderem. Mas esta resolução é uma consequencia da politica generosa e illustrada seguida pela Junta Provisoria desde a sua installação, e por ella constantemente observada antes da recepção da carta do ex.mo sr. Lopes Ayllon de 20 de maio e que foi entregue ao abaixo assignado no dia 31 pela 1 hora da tarde.

A Junta Provisoria não póde comtudo deixar de declara a v. s.a que a mesma Junta não toma, nem poderia tomar sob a sua responsabilidade individual ou collectiva qualquer agressão que em despeito das suas ordens e das leis possa ser commettida, porque n'esse caso é unicamente sobre os aggressores que deve recahir essa responsabilidade, e o mais que a Junta póde asseverar e que serão inexoravelmente punidos na conformidade das mesmas leis.

Aproveito esta occasião para renovar a v. s.a os protestos da minha mais alta consideração.

tas de conciliação, que por parte do governo de Sua Magestade Fidelissima lhe foram apresentados pelo coronel Wild, e pelo marquez de Hespanha, tenha sido interpretada como uma prova de pouco desejo, que a mesma Junta abriga de vêr terminar pacificamente a lucta desastrosa em que a nação se acha empenhada. Como portuguezes, que somos, mais interessados que ninguem, na paz e bem estar da nossa patria commum, não podemos deixar de repellir tão injusta accusação. O sangue que se tem derramado, ou poderá continuar a derramar-se é sangue portuguez, é o nosso proprio sangue; e sem razões de força maior, que a isso nos obrigassem, jámais o consentiriamos. Essas razões são a triste necessidade em que a nação se tem visto de sustentar e defender as liberdades publicas, que a mesma nação considera como o penhor sagrado do seu bem estar e prosperidade, e que uma facção tão inimiga do throno, como do paiz, tentára subverter e aniquilar.—A Junta não recusou annuir, como v. ex.a affirma, ás propostas que lhe foram feitas, antes pelo contrario as julgou acceitaveis e convenientes no seu pensamento; mas viu que facilmente seriam illudidas, se não fossem acompanhadas de explicações, e desenvolvimentos, que as podessem garantir: acceitando os principios, não fez mais do que deduzir as consequencias, que agora, não sem grande maravilha, vê condemnadas. E quando em fim alguma cousa houvesse na sua resposta, que parecesse menos consequente, nenhuma duvida poderia haver, em que logo que fosse nomeado um ministerio, que merecesse a confiança do throno e da nação, de novo se reconsiderasse este objecto. Em politica as frazes nada significam sem os meios de execução, e muito indiscretamente andaria esta Junta, se houvesse de commetter a vagas promessas, sempre faceis de illudir, a sorte presente e futura do paiz. Accrescenta v. ex.a como outra razão, que o conduziu a formar aquelle juizo, a penosa necessidade em que a Junta se de declinar o armisticio que lhe fôra proposto pelo coronel Wild e marquez de Hespanha. Tambem n'esta parte não fez v. ex.a justiça aos sentimentos da Junta; e para justificar a sua recusa ahi estão as difficuldades que se apresentam para

ção que lhe foi dirigida para suspender toda a operação de guerra por mar e por e por terra em quanto os governos alliados tomam conhecimento do actual estado dos negocios dará lugar a algumas medidas precursoras de outras que poderia ser necessario empregar para evitar o inutil derramamento de sangue, accrescentando que a esquadra de Sua Magestade Britannica recebeu ordem para fechar a barra do Porto contra o ingresso e egresso de todos os navios de guerra e outros occupados em operações de guerra, e que iguaes medidas se levarão a effeito nos portos e bahias que reconhecem o governo da Junta ou se tomarão outras precauções que a prudencia aconselhar para evitar desnecessarias collisões, tornando a Junta individual e collectivamente, bem como as suas authoridades, responsaveis por qualquer acto de violencia contra os subditos e propriedades britannicas, terminando por assegurar que a descontinuação das operações de guerra da Junta será correspondida por outra igual das forças do governo de Lisboa. O abaixo assignado fez presente á Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino a intimação que com ameaça de guerra em nome das potencias alliadas lhe foi feita por sir G. H. Seymour, e a mesma Junta encarrega ao abaixo assignado para communicar a v. s.a como representante do governo de Sua Magestade Britannica na cidade do Porto, que a mesma Junta protesta da maneira mais formal e solemne contra esta intervenção nos negocios domesticos de Portugal, que como nação livre e independente tem o indisputavel direito de se constituir politicamente e governar-se pelas leis do paiz, e não imposta pela força das nações estrangeiras, que n'este sentido vae redigir o seu protesto que dirigirá ao governo de Sua Magestade Britannica, a todas as côrtes da Europa, e fará publicar pela imprensa a fim de se manter illesa no conceito do mundo civilisado a honra e o credito do povo portuguez. E em quanto este protesto se não redige e publica, a mesma Junta encarrega o abaixo assignado de protestar na presença v. s.a da maneira mais solemne e authentica contra esta flagrante violação do direito das gentes e contra este insolito attentado feito contra a independen-

mentos, para romper depois n'um soluço convulsivo.

— Agora conheço eu quanto fiz soffrer o Bartholomeu Marques; mas a minha pobre mãe é que foi a castigada com as minhas mentiras!

E era assim: mas altos são os designios da divindade!

Durante toda a sua vida Felizardo nunca mais mentiu, e quando alguma vez ouvia mentir, estremecia-lhe o coração, e dizia em alta voz:

— As minhas mentiras causaram a morte de minha mãe. Aborreço a mentira!

. . . . . .

Mães, mães, castigae os vossos filhos quando mentem, porque **a mentira é um mal.** *A.*

ANNUNCIOS

PRENSAS E BOMBAS

PARA VINHO

A *Fabrica de Fundição do Ouro do Porto*, está construindo prensas de parafuzo e roquete, moveis, para o bagaço de vinho, pelo systema de **Wecker**, no Luxembourg, para todas as quantidades de bagaço e para qualquer pressão, que vende pelos preços das do estrangeiro.

Tambem está construindo bombas para trafegar vinhos, do systema de **Gaillot**, estando já algumas das que construiu a funccionar em Villa Nova de Gaya.

Porto, 26 d'agosto de 1892.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

SERRAS MECANICAS DE FITA

A Fabrica de Fundição do Ouro, tendo em vista o maior emprego de operarios, dedicou-se ultimamente á construcção das serras mecanicas de fita, pelo systema das que têm vindo do estrangeiro, que melhores resultados tem produzido.

A primeira que se construiu está a funccionar na tanoaria do ex.mo sr. José Joaquim Correia Ribeiro, na rua do Torne n.º 24, em Villa Nova de Gaya.

Preços muito commodos e obra garantida.

Porto, 30 de janeiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

CHARRUAS S. S.

A Fundição do Ouro, no anno findo de 1892, debaixo da direcção do habil Regente Agricola, o ex.mo sr. Joaquim de Souza dos Santos, introduziu importantes melhoramentos na charrúa do systema americano, a respeito das quaes diz n'uma carta datada de 14 de julho, do mesmo anno, o ex.mo sr. Augusto Serrão de Faria Pereira, da Azinhaga, no concelho de Santarem, o seguinte: «*Fiquei encantado com o bom serviço produzido pela bella charrúa S. S. Faz optimo trabalho, vira a leira com a maior perfeição, e o rêgo é, em toda a altura, d'egual largura. Nas terras riquissimas das nossas propriedades, e, que, custam muitissimo a trabalhar, profunda-se a lavoura até 0,26 c. sem difficuldade. Creio que a altura, quando o terreno em boas condições, será de 0,36 c. Far-me-ha o amigo o favor de me enviar mais duas charruas para a estação de Matto de Miranda.*»

Tão authorisada informação, prova os bons effeitos dos melhoramentos introduzidos, e a grande conveniencia de se fazer uso d'estas charruas.

Porto e Fundição do Ouro, 1 de fevereiro de 1893.

O director gerente,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

se roga queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia

Praça de D. Pedro, 59, 1.º—LISBOA

a fim de receberem *gratis* o 1.º numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala, e por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sens do porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

LICOR do Dr LAVILLE GOTTA RHEUMATISMOS

Especifico provado da **GOTTA** e dos **RHEUMATISMOS,** acalma as dôres as mais fortes. Acção prompta e certa em todos os periodos do accesso.

P. COMAR & Filho, 28, Rue Saint-Claude, PARIS.

VENDA POR MIUDO. — EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

PRENSAS PARA AZEITE

A fabrica da Fundição do Ouro, tem promptas algumas prensas para extrair azeite do bagaço da azeitona, as quaês satisfazem a uma pressão de 250:000 kilogrammas, *e pela qual se obtem 2 litros d'azeite de cada ceira, depois de serem compremidas com as varas.*

Vendem-se agora com grande abatimento.

Porto, 22 de dezembro de 1892.

O director gerente da Nova Companhia da Fundição do Ouro,
Luiz Ferreira de Souza Cruz.

TRASPASSA-SE

uma ourivesaria bem afreguezada, em Aveiro,

Trata-se com Antonio da Costa, da mesma cidade.

O ADVOGADO
BARBOSA DE MAGALHÃES

mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.º 17, 1.º—em Lisboa.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1893

Preço: — Cartonado 320 réis; brochado 420 réis; dito das senhoras 240 réis.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

NÃO MAIS O ENXOFRE SO

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM AO MESMO TEMPO

EMPREGUE-SE O **Enxofre composto—ESTACIO**

Empregava-se o enxofre só nas vinhas, quando estas eram atacadas sómente pelo **Oidium.**

Como agora são tambem atacadas pelo **Mildiu,** o nosso director technico, na sua qualidade de chimico e possuindo propriedades importantes de vinhas, estudou e applicou uma composição de enxofre com o fim de combater AO MESMO TEMPO os dois grandes males: o **Mildiu** e o **Oidium.**

E tão surprehendentes e extraordinarios foram os resultados da applicação do seu enxofre composto, que as suas vinhas parecem ransformadas, o que é de publica notoriedade nos sitios das propriedades, e algumas pessoas, que tambem o applicaram, obtiveram o mesmo resultado, e não deixam de o empregar, como o certificam muitos attestados.

MODO DE EMPREGAR

Applica-se com as enxofradeiras, da mesma maneira que o enxofre simples, uma vez nos principios de maio, outra pouco antes da florescencia, depois mais 2 ou 3 vezes, com intervallos de 3 a 4 semanas, podendo por ultimo, quando não ha a receiar o oidium, empregar-se o **Pó anti-mildiu Estacio** em vez do **Enxofre composto Estacio,** por ser muito mais barato.

É sempre utilissimo fazer a applicação do **Enxofre composto Estacio,** embora não seja nas épocas indicadas, ou se tenha deixado de fazer alguma applicação.

O **Enxofre composto Estacio,** custa muito pouco mais do que o enxofre simples.

Vende-se em saccas ou a granel. Recebem-se as saccas a razão de 80 réis.

Lisboa—Fabrica da Companhia, Campo Pequeno, 17, ou na séde, Rocio, 59, 1.º e no Centro Agricola Industrial, Arco da Bandeira, 12.
Santarem—Sr. Joaquim Augusto Xavier Ramos, rua de S. Nicolau.
Figueira—Sr. Modesto Augusto Martins.
Bombarral—Sr. José Maria Duarte.
Portalegre—Sr. José Augusto de Pina Carvalho.
Abrantes—Sr. Manuel Dias Pinheiro.
Torres Vedras—Sr. Joaquim Pedro Marques.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER. [illegible] purificar o sangue, limpar o corpo, [illegible] a radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA D[illegible]R—O remedio mais seguro que ha para a tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas.

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

XAFREDO & FILHOS

RUA NOVA DO ALMADA, 64

LISBOA

Alfayates premiados em todas as exposições. Fazendas de completa novidade em lã, linho e seda. Especialidade em todos os artigos de **Sport.**

O maior e mais completo sortimento de utensilios para esgrima, fornecimentos para clubs e salas d'armas. Carabinas para carreira de tiro e salão. Diversos systemas de construcção d'apparelhos para gymnastica e de gymnasio completos.

Fornecem-se todos os esclarecimentos e preços correntes a quem os pedir.

CASA FUNDADA EM 1850

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇÕES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.º—PORTO

E NAS LIVRARIAS

Consultorio Medico-Cirurgico
—DE—
Molestias de Senhoras e Creanças

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento e Aurelia de Moraes Sarmento

Consultas das 11 horas da manhã ás 3 da tarde
Chamadas para PARTOS a qualquer hora

579—RUA DO ALMADA—579

PORTO

VICTORIA PEREIRA

VIAGENS PORTUGUEZAS

PORTUGUEZES E INGLEZES EM AFRICA

Um grosso volume em 8.º grande, franco de porte, 600 réis.

Um bello mappa da Africa Oriental acompanhará este interessante livro.

Recebem-se assignaturas na Empreza Editora do RECREIO, Rua da Barroca, 109—Lisboa, para onde será dirigida toda a correspondencia.

OS MYSTERIOS DO POVO

Por EUGENIO SUE

Esplendida edição illustrada com 200 bellissimas gravuras, a unica que existe completa em portuguez. Preço do fasciculo semanal 60 rs.

Assignatura permanente.

Sahiu o fasciculo 100 e ultimo.

Empreza editora do *Mestre Popular*, rua dos Douradores, 21, 1.º, Lisboa.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz. — Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

cia da nação portugueza. E como por infelicidade de Portugal, este reino não contém senão um pequeno numero de habitantes, e pela intimação de sir G. H. Seymour, senão ceder á acceitação do armisticio, elle é ameaçado por uma guerra estrangeira que lhe declaram duas poderosas nações, muitas vezes mais poderosas do que a nação portugueza, entende a Junta, que sem quebra da honra da nação, que a Junta mais que tudo tem a peito conservar illesa, podia ordenar como ordenou ao abaixo assignado que participasse a v. s.ª que a Junta cedendo unicamente á força e á violencia, e protestando sempre contra ella, sujeita-se forçada ao armisticio por mar e terra que lhe é imposto governos de Sua Magestade Britannica e de Sua Magestade Catholica, ficando na certeza de que se realisará a promessa feita por sir G. H. Seymour, de que as forças do governo de Lisboa cessarão tambem todas as hostilidades por mar e por terra. E como antes da recepção da carta de sir G. H. Seymour, e intimação feita a esta Junta para receber o armisticio que lhe era imposto pela força, o commandante das forças navaes de Sua Magestade Britannica em frente do Porto sem prévia declaração de guerra nem communicação da intimação que á Junta se fizera depois com a mais insolita, e inexperada violencia do direito das gentes, e por um procedimento novo e inaudito na historia dos povos civilisados, o dito commandante das forças de Sua Magestade Britannica não só aprisionou a esquadra da Junta, mas tambem a valente e brilhante divisão que n'ella se achava embarcada debaixo do immediato commando do marechal do exercito conde das Antas, o abaixo assignado recebeu ordem da mesma Junta para protestar, como de facto protesta, da maneira a mais positiva e solemne contra similhante attentado praticado contra todos os principios dos direitos das gentes, e que se não poderia esperar de uma nação inimiga, e muito menos da nação que foi sempre considerada a mais antiga e fiel alliada de Portugal, attentado tão offensivo da independencia de Portugal como prejudicial á liberdade civil e politica do povo portuguez; porque se lhe impediu violentamente de empregar as suas forças da maneira a mais conveniente para debellar uma facção sanguinaria, anti-portugueza, e irreconciliavel inimiga da sua patria.

A Junta encarrega o abaixo assignado de significar a v. s.ª este protesto em quanto não redige um protesto especial que fará remetter ás côrtes das nações da Europa, e publicar pela imprensa para conhecimento do mundo civilisado.—E como pela intimação de sir G. H. Seymour os officiaes da marinha britannica só tem ordem do seu governo para impedir a entrada e sahida dos navios de guerra, no caso da Junta se recusar a sujeitar-se ao armisticio que lhe é imposto pelos governos de Inglaterra e Hespanha, é evidente que a divisão embarcada n'aquelles vasos não póde por mais tempo ser conservada prisioneira de guerra; primeiro porque as ordens do governo de S. M. Britannica são restrictas aos vasos de guerra, e não ás forças de terra que n'elles se acham embarcadas, segundo porque tendo-se a Junta sujeitado ao armisticio, e havendo cessado o pretexto pelo qual se praticou um semelhante acto de violencia, deve ser permittido aos mesmos vasos recolher para dentro do rio Douro com a sua guarnição e passageiros no estado em que se achavam antes de serem aprisionados; terceiro porque aquella expedição navegava debaixo de boa fé de que a independencia de Portugal seria respeitada e das repetidas seguranças do governo de S. M. Britannica, de que o mesmo governo não interferia n'este negocio senão de uma maneira amigavel, e antes que o general commandante d'aquella força tivesse recebido as ordens da Junta e antes que esta tivesse recebido a intimação.—Por todos estes motivos o abaixo assignado, em nome da Junta, reclama da maneira a mais positiva e solemne a entrega da sua divisão expedicionaria debaixo do commando do marechal conde das Antas injustamente aprisionada, bem como o entrada para dentro da barra do Porto da sua esquadra e transportes da maneira que acima se expôz.—O abaixo assignado aproveita esta occasião para renovar a v. s.ª os protestos da sua mais alta estima e consideração.—Porto e palacio da Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino em 31 de maio de 1847.

Bretanha e França possam inteirar-se do estado actual da questão portugueza, e adoptar a consequencia as medidas indispensaveis para pôr termo aos actos de violencia, e a effusão de sangue de que por tanto tempo tem sido theatro este paiz.

Com este motivo tenho a honra de participar a v. ex.ª, que foram expedidas as ordens para que saiam com a maior brevidade as embarcações hespanholas que possam achar-se no Douro.

Espero por ultimo que essa Junta terá a bondade de transmittir ao sr. commandante D. José Antonio Montes a sua resposta a esta notificação com a menor demora possivel.

Aproveito gostoso esta occasião que se me apresenta para renovar a v. ex.ª o testemunho do meu apreço, e da minha mais alta consideração. Lisboa 20 de maio de 1847.—Ex.mo sr. B. L. M. de v. ex.ª o attento e seguro servidor.—*Luiz Lopes de la Torre Ayllon.*—Ex.mo sr. conde das Antas.

—

Senhor conde.—Os senhores representantes da Hespanha e da Grã-Bretanha escrevem hoje a v. ex.ª para lhe pedir que prolongue o armisticio até que elles tenham podido conhecer as intenções dos seus governos. Permitta-me v. ex.ª exprimir-lhe quanto eu desejaria que não tomando conselho senão do seu patriotismo, e do seu amor da humanidade quizesse ceder a este pedido.

Tenho a honra de vos offerecer, senhor conde, todas as seguranças dos sentimentos da minha mais alta consideração.—O ministro de França, *P. Varenne.*

—

Ill.mo e ex.mo rs.—Accuso a recepção da carta que v. ex.ª me dirigiu em data de 20 do corrente, em que v. ex.ª exhorta a Junta, a que tenho a honra de presidir, para que haja de enviar em uma suspensão temporaria de hostilidades. A Junta, desejosa sempre de não separar da justiça da sua causa a boa vontade das nações, que tanto interesse mostram pela sorte d'este paiz, viu com o mais profundo sentimento, que a franca e leal declação, que havia feito sobre as propos-

Repartição dos negocios estrangeiros da Junta Provisoria, no Porto, 1.º de junho de 1847.—Ill.mo sr. D. Bernardo Rodrigues Fuentes, consul de Sua Magestade Catholica no Porto.=*José da Silva Passos.*

—

Legação britannica em Lisboa.—Lisboa 20 de maio de 1847.—Sr. Conde. — Tendo a Junta primeiramente julgado mais conveniente o rejeitar os termos d'uma medeação propostos por parte da Rainha, por um commissario de S. M. B., e depois mostrando estar no proposito de não vir a nenhum accôrdo por isso que se recusou a annuir a um armisticio, sinto vêr-me obrigado, para desempenhar uma imperiosa obrigação, a pedir á Junta que suspenda as hostilidades assim por mar como por terra, pelo tempo que fôr mister para este negocio ser levado ao conhecimento do governo de S. M. e do de Hespanha e França, e estes governos adoptarem medidas taes que ponham termo aos actos de violencia, e ao derramamento de sangue, de que tem sido theatro este paiz.

Outra similhante notificação vos será dirigida pela embaixada de S. M. C.

Cumpre-me mais dizer-vos, que foram dadas as competentes ordens ao consul de S. M. para tomar todas as medidas a fim de que todos os navios britannicos saiam do Douro.

Peço-vos, senhor, que a resposta da Junta a esta notificação, seja dada ao capitão Robb o mais breve possivel.

Aproveito esta occasião para renovar a v. ex.ª os protestos da minha mais alta consideração=*G. H. Seymour*, ministro de S. M. Br.

—

Senhor conde.—A resistencia que mostrou a Junta estabelecida n'essa cidade do Porto a acceitar as bases de medeação que lhe foram apresentadas pelo senhor marquez de Hespanha em nome da minha Soberana, dando assim o testemunho de que não abriha o desejo de entrar em arranjo algum pacifico, me impõem o grave dever de exhortar a mesma Junta a suspender as hostilidades por mar e terra até que o governo de Sua Magestade Catholica, assim como o da Grã-